

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**LUCCA ZANETTI**

**O PRÍNCIPE E O MERCENÁRIO – A SUGESTÃO DE UM MODELO IDEAL,  
ATRAVÉS DE LA VITA DI CASTRUCCIO CASTRACANE,  
DE NICOLAU MAQUIAVEL (1518-1520)**

**CURITIBA**

**2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**LUCCA ZANETTI**

**O PRÍNCIPE E O MERCENÁRIO – A SUGESTÃO DE UM MODELO IDEAL,  
ATRAVÉS DE LA VITA DI CASTRUCCIO CASTRACANE,  
DE NICOLAU MAQUIAVEL (1518-1520)**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica, como requisito à conclusão do Curso de Licenciatura e Bacharelado em História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fátima Regina Fernandes

**CURITIBA**

**2014**

## Agradecimentos

A jornada acadêmica que empreendo tem aqui a conclusão de seu primeiro capítulo. Longo, exaustivo, mas tremendamente gratificante. Por muitas vezes, me observo como apenas mais um pesquisador que, inocentemente, acredita nas concepções tão debatidas e ultrapassadas como no progresso da ciência e do revisionismo histórico. Produzir sobre autores, situações e eventos já anteriormente afirmados ou desacreditados, acho eu, é também atualizar um debate, refrescar as perspectivas sobre o mesmo, inserir no cânone novos argumentos – fundamentais ao processo de desenvolvimento e transformação do conhecimento. Em meu caso, como um humilde profissional da História, observei que Maquiavel tem tantos detratores quanto fãs. Meu trabalho trata de explorar essa figura tão discutida, admirada, repudiada – em si, fruto sim de uma admiração que admito e reconheço.

Esse trabalho só fora possível devido às diversas pessoas cujo incentivo e companheirismo foram fundamentais para minha saúde mental e para a paciência necessária para sua composição. Aos meus pais, Rogério e Vânia, pelo incentivo e pelo amor que me dedicaram, pela paciência e pela atenção. À minha orientadora, Fátima Regina Fernandes, que tomou de seu tempo para dedicar-se a leitura e a minha orientação, como uma guia me apontando os perigos e as falhas do caminho que tento ainda hoje trilhar na Academia; por sua tremenda paciência. A meus amigos e colegas universitários, muitos dos quais concluíram suas próprias pesquisas e continuam a desenvolvê-las – pela amizade, pela companhia, pelas longas conversas sobre nossa querida História e sobre os mais diversos outros assuntos. A todos eles – mas dentre estes, seleciono alguns que contemplei mais, a quem creio que devo mais: Gabriel Kotaka de Orte, Leonardo Girardi, Marlon Cíton e Victor Reis Chaves Alvim. A Willian Vida Pretrovski, que também partilha de nosso ofício, ao qual desejo um forte abraço. Aos meus companheiros-em-armas acadêmicos, Saúde!

Também a meus amigos do Tropas Polares – Clube Curitibano de Wargaming e Miniaturismo. Esse grupo, que também é um filho meu, foi um empreendimento que começou antes da composição dessa obra, e sem o qual talvez houvesse tomado outros rumos profissionais.

E enfim, peço desculpas e compreensão daqueles que tanto estimo, mas que não menciono aqui devido ao espaço limitado. Essa obra não seria completa sem sua colaboração nos mais diversos aspectos – do lanche repartido às palavras trocadas. Obrigado.

## Resumo

Maquiavel é conhecido principalmente como um teórico político, cuja perspectiva pragmática perante a prática do poder, oriunda de uma experiência política pessoal como um magistrado e diplomata, é tomada como um marco histórico da transformação entre o pensamento político medieval e as perspectivas modernas sobre a natureza do poder. De fato, observa-se uma dissociação do pensamento de Maquiavel perante os argumentos medievais de legitimidade do poder – o bem comum, a manutenção e defesa da ordem social, a segurança das insituições políticas – e suas próprias perspectivas, baseadas na manutenção da influência política assim como das unidades políticas através de ações contraditórias perante a moralidade cristã que até então permeara todo discurso de teoria política. No entanto, observamos em Maquiavel um processo de transformação da estrutura de argumentos sobre a manutenção do poder também em si medievais – das características atribuídas aos governantes de excelência, diversas já presentes nas caracterizações mais pragmáticas da nobreza através do século XV. Mais do que uma completa ruptura, observamos um complexo processo de transformação dos argumentos assim como da perspectiva política através do discurso de Maquiavel.

A pesquisa aqui detalhada explora o autor como um historiador de seu tempo, assim como de um escritor fundado pela *Ars Dictaminis* assim como outros modelos narrativos do Humanismo, assumindo a crítica da fonte *La Vita di Castruccio Castracane da Lucca* (1518-1520) – onde observamos na figura histórica de Castruccio Castracani um príncipe perfeito perante as características atribuídas ao mesmo por Maquiavel. Entretanto, através da leitura de outras obras do mesmo autor, notamos que Maquiavel nutria, em espaços diferentes, opiniões díspares sobre os mercenários – base de poder que considera perigosa em *O Príncipe*. No entanto, Maquiavel toma justamente um *condotierre*, Castracane, como seu príncipe perfeito – dado a seu pragmatismo político que observa em um líder mercenário astuto o controle das ‘boas armas’ através do qual a manutenção do poder é mais asseguradamente mantida. Para uma mais abrangente compreensão dos argumentos do autor perante a figura de seu príncipe perfeito, confrontamos argumentos de *La Vita di Castruccio Castracane* com citações extraídas de *O Príncipe*, *A Arte da Guerra*, e *História de Florença*, todas obras da pena de Maquiavel e através das quais sua perspectiva sobre o príncipe arquetípico é destilada.

Palavras-Chave: Maquiavel, Renascimento, Teoria Política.

## Sumário

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>3</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>4</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>1. Maquiavel e Seu Tempo – Do Político ao Escritor .....</b>	<b>13</b>
1.1 Biografia	17
<b>2. A – Fonte: La Vita Di Castruccio Castracane .....</b>	<b>25</b>
1.1 Contexto de Produção	25
1.2 Análise da Obra	33
1.2.1 Um Grande Estrategista	41
1.2.2 A Visita do Imperador	44
1.2.3 A Conjura dos Poggio	47
1.2.4 A Tomada de Pistóia	48
1.2.5 A “Questão Romana”	50
1.2.6 A Reação Florentina	51
1.2.7 A Morte do Príncipe	57
<b>3. Conclusões.....</b>	<b>63</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>65</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>66</b>
<b>Anexo – Mapa Político da Itália.....</b>	<b>71</b>

“Antes de tudo, esteja armado.” [Maquiavel. O Príncipe. Capítulo VI]

“A própria espada incita a violência” [Homero, Ilíada]

## Introdução

*Tanto nomini nullum par elogium.* É assim que Maquiavel é celebrado e lembrado pela cidade de Florença em seu cenotáfio, ereto na Basílica de Santa Croce, um de seus filhos mais ilustres. O humanista nele alcançou o patamar da fama anteriormente conquistado por Dante Alighieri, por Francesco Salutati, e, ironia que apreciaria, a Fortuna viu em Maquiavel o que viu em Dante – um filho ilustre, um escritor notável que sua mãe Florença perseguiria em vida. Ambos eruditos passaram pela experiência do exílio político, abominável, a expatriação do ambiente aonde haviam criado vínculos de solidariedade através de afinidades diversas, a segurança social garantida por esses círculos tolhida – mas é esse exílio da sociedade republicana florentina que garantiu o florescer lírico de ambos – de seus dedos talvez alguns dos tratados de teoria política renascentista mais famosos não teriam sido confeccionados.

Dante é um autor medieval mais conhecido por suas obras líricas – a *Divina Comédia* é um dos cânones da literatura universal e de importância fundamental para a língua italiana moderna ao retratar o idioma vernáculo, a língua romance de sua época. No entanto, também é um autor político. Suas idéias desenvolvidas no tratado *De Monarchia*, e os anseios por um único legislador universal a fim da garantia de segurança e ordem sociais serão ecoados na escrita de Maquiavel – Diferentemente de Dante, Maquiavel será reconhecido como um grande escritor político mais do que um poeta, atualmente – em seu próprio tempo, também seria conhecido como um autor de poesias, história, e peças de teatro.<sup>1</sup> Um autor também medieval em diversos aspectos, mas fundamentalmente ligado a seu período, um período de transição, de crise nos mais diversos espaços da sociabilidade itálica.

A Guerra está se transformando, assim como a Política, a Moralidade, a Ética Cristã, a Economia, e o próprio Mundo – em seu aspecto físico, com as Grandes Navegações e a Descoberta da América em 1492.<sup>2</sup> E muitas destas transformações são evidenciadas nos escritos de Maquiavel. Através dessa Monografia utilizaremos o nome consagrado na Historiografia e Literatura brasileira como Maquiavel, ao invés do mais correto e adequado Machiavelli, dado que o reconhecimento do nome do autor facilita a leitura, e logo, a

---

<sup>1</sup> MASTERS, Roger. *Maquiavel e Da Vinci, Um Sonho Renascentista*. Jorge Zahar Editora. 1999. Pg. 181 - “*Niccolò*, para nós, é um notável teórico político. Para seus contemporâneos, era um comentador astuto do sempre cambiante caleidoscópio da política, um funcionário público competente, um libertino afrontoso, um importante estrategista militar e um crítico exasperadamente incômodo.” - Sua fama decorreu de sua celebridade como dramaturgo e escritor, assim como sua presença ‘formadora’ de opinião nas reuniões e debates nos *Orti Oricellari*, jardins da família Rucellai – espaço de sociabilidade política e erudição em Florença.

<sup>2</sup> GARIN, Eugenio. *O Homem Renascentista*. Editorial Presença, Lisboa; 1991. A descoberta da América interage com essas novas perspectivas de mundo e funciona ela própria como catalizadora da transformação geográfica, assim como da transformação física.

acessibilidade dessa pesquisa. O autor prefere o termo Machiavelli, dado que é o nome encontrado através das fontes, mas o conhecimento criado através dessa obra, se não compartilhado e debatido, torna-se estéril e desperdiçado.

Um Mundo Novo emerge a partir da Idade Média – mas não completamente dissociado e diferenciado dela; mais adequadamente, seu herdeiro. Suas estruturas políticas, sociais, e culturais ainda serão similares por muito tempo – transformações das mais impactantes são longos processos<sup>3</sup>, suscetíveis a resistências por tradições que até então ditam o ambiente, a sociabilidade, as relações sociais, políticas e econômicas dessa sociedade em transformação. Maquiavel é uma testemunha das alterações e dos conflitos de seu tempo. De fato, o conflito armado das Guerras Italianas não apenas ditaria as questões públicas que terá de manipular como Secretário da Segunda Chancelaria, assim como participante do conselho militar florentino, mas também oferece à Maquiavel perspectivas sobre a fragilidade oriunda da independência política itálica – característica muito estimada por si e pelos demais humanistas cívicos, medievais e contemporâneos de si. A composição política desse ambiente demonstrava uma particular fragilidade – se comparada com as regiões vizinhas. O Mediterrâneo Ocidental observava então o surgimento de monarquias sólidas, assim como além-Alpes, na França: não surpreendentemente serão franceses e espanhóis os grandes rivais no jogo político mais amplo que se desenvolverá nas Guerras Italianas. A península itálica em si fora até então dividida em diversas cidades-estado, algumas regidas por repúblicas e conselhos eleitos dentre seus cidadãos, enquanto outras controladas por aristocracias, onde grupos mais restritos regiam a política cidadina – as chamadas tiranias. Nesse ambiente politicamente instável, aonde as mais diversas rivalidades entre *comune* próximas sobrepostas às disputas políticas entre grupos gibelinos e guelfos<sup>4</sup>, respectivamente pró-Império ou pró-Papado além das disputas entre facções no interior dessas unidades políticas, observamos também uma especificidade própria do ambiente da Itália – no momento uma expressão geográfica, mas também uma definição cultural própria partilhada por essas unidades.

---

<sup>3</sup> BRAUDEL, Fernand. *O modelo italiano*. Tradução Franklin de Mattos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Não apenas adotamos o discurso de um longo período de transformação culturais, políticas, religiosas e econômicas por vezes identificado desde o século XIII, mas também suas observações sobre a especificidade itálica.

<sup>4</sup> GILLY, Patrick. *Cidades e Sociedades Urbanas na Itália Medieval – Séculos XI-XIV*. Campinas – SP, Editora UNICAMP. Belo Horizonte – MG, Editora UFMG. 2011. O autor observa no desenvolvimento de estruturas políticas comuns às cidades do centro-norte da península itálica uma aproximação institucional de um modelo conjunto – a princípio, os consulados citadinos e os podestades. Em um segundo momento, a opção pelos senhores dedicados a um personagem – por vezes tratado por rivais, detratores e mesmo pela historiografia nutrida de tais fontes como ‘tiranos’. Através de sua análise, Gilly também nota uma série de rivalidades permeando tais instituições – especialmente a dos *podestà*, estrangeiros enviados a uma magistratura executiva e judiciária, para os quais uma rede de trocas de personagens se estabelece.

A Liberdade<sup>5</sup>, desde o século XII, fora um conceito altamente valorizado pelas *comune* italianas, as cidades-estado que compõe o mosaico de unidades políticas através da península itálica, após o empreendimento militar contra Imperadores desejosos de reafirmar suas prerrogativas de governo universal sobre o antigo reino lombardo – considerada herança carolíngia pelos príncipes; através principalmente pela interferência direta: a remoção de autoridades e administradores eleitos localmente – os *podestá* – por personagens escolhidos pelo Imperador. As conquistas da Liga Lombarda nos séculos XII e XIII, aliança entre diversas *comune* e mesmo senhores feudais, ‘tiranos’<sup>6</sup>, levarão ao reconhecimento de sua Liberdade – compreendida então como independência política, ainda que, *de jure*, ligadas ao Sacro Império, submetidas ao Imperador como autoridade de caráter universal, um compromisso que atendeu às demandas contemporâneas.

Após a morte de Frederico II Hohenstaufen, seus sucessores evitaram intervir na península itálica – a Liberdade, tal qual como concebida, a autonomia política e administrativa, buscada pela Liga fora assegurada, e assim, a aliança seria dissolvida. Através dos séculos, a tendência itálica pela união apenas perante uma crise política e interferência externa, dado o desejo pela autoregência interna de suas unidades políticas compositoras seria observada por muitos – dentre eles, Maquiavel.

Sua obra, escrita durante seu exílio político, então sugere através de seu conhecimento histórico – adquirido inclusive através de sua formação humanista – além da experiência política própria, uma solução para a crise itálica, uma vez que a região encontra-se saqueada,

---

<sup>5</sup> SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, Tradução de Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, 1996. Pg. 29: “A maneira como o termo “liberdade” então veio a conotar tanto a independência política quanto o autogoverno republicano foi delineada em dois importantes estudos do pensamento político florentino no século XIV. Bueno de Mesquita provou, estudando as cartas diplomáticas florentinas ao tempo da invasão de Henrique VII (em 1310), que, quando os florentinos tomaram a iniciativa de se opor ao imperador proclamando “a liberdade da Toscana”, sua preocupação fundamental consistia em “deitar fora o jugo da servidão a tutela germânica” e reafirmar seu direito de se autogovernarem (Bueno de Mesquita, 1965, p.305). Analogamente, Rubinstein mostrou que os conceitos de *libertas* e *libertà* vieram a ser utilizados “quase como termos técnicos da política e diplomacia florentinas” no curso do século XIV, e eram quase invariavelmente usados a fim de expressar essas mesmas ideias de independência e autogoverno (Rubinstein, 1952, P.29).” Mais do que a Liberdade explorada através dos discursos do Iluminismo e do Republicanismo Moderno, aqui o termo surge como um desejo de autonomia institucional, política e administrativa perante prerrogativas do Imperador.

<sup>6</sup> SKINNER, Quentin. *Op. Cit.* & GREEN, Louis. *Lucca under Castruccio Castracane: The Social and Economic Foundations of a Fourteenth-Century Italian Tyranny*. I Tatti Studies in the Italian Renaissance, Vol. 1. 1985. Através do século XIV, Skinner observa uma tendência das *comune* em abrir mão de seus conselhos representativos e, assim, de sua Liberdade; ao ofertarem o governo, a *Signoria*, para personagens com o suposto papel de preservar a ordem e o bem comum da comunidade; personagens identificados como tiranos, e comumente chamados autocratas. O exemplo de Skinner é Ezzelino da Romano, tirano de Verona e Pádua; assim como Cangrande della Scala. Castruccio Castracane é identificado como um desses tiranos por Green, que também nos oferece uma leitura mais profunda do funcionamento dessa tirania - e como a mesma se organiza através de uma rede de apoio político ao tirano Castruccio, permeada através dos antigos conselhos cidadãos – logo, uma tirania em que a comunidade optara por ao ofertar a *Signoria* ao ‘tirano’ (situação essa também explorada por Maquiavel).



espoliada por ‘bárbaros’ estrangeiros. Primeiro, a invasão francesa, aonde se observa uma tentativa pelo Reino de França – a aventura de Carlos VIII, e as mais planejadas interferências de Luís XII e Francisco II; e posteriormente, a interferência de Maximiliano I, ainda que meramente política; e a mais contundente e frutífera de Carlos V: monarcas todos que contam com o sólido apoio e recurso de regiões já submetidas à sua autoridade, através de vínculos feudo-vassalicos e do refinamento do aparato burocrático em ascensão. A frente de um estado sólido, um reino que atravessou os últimos dois séculos condensando a estrutura tributária e as prerrogativas régias em detrimento daquelas da nobreza que compunha sua sociedade política<sup>7</sup>, o final do século XV e o século XVI observarão a península itálica tornar-se palco dos conflitos políticos e, logo, militares entre estados cada vez mais sólidos, modernos, sobre uma região cujos senhorios locais têm poucas opções além da vinculação aos poderes centralizados.

Cinco estados maiores regeram a península durante o século XV – O Ducado de Milão, vinculado à órbita imperial; a República de Veneza, serena e rica com seu império comercial no Levante; a República de Florença, senhora da Toscana e influente sobre diversos estados menores; o Reino de Nápoles, contestado por angevinos e aragoneses e cujo destino será estopim das Guerras Italianas; e os Estados Pontifícios, cuja situação especial é observada e desenvolvida por Maquiavel em capítulos de destaque específico através de sua obra. Desses estados, apenas Veneza sobreviveria independente<sup>8</sup>, ainda que fragilizada, através do século XVI; enquanto a situação específica dos Estados Pontifícios sofreria uma transformação de aspecto e expansão – a crise da Reforma Religiosa é paralela à política italiana<sup>9</sup>. A ‘Glória Material’ a que se refere Fernand Braudel é também em si uma demonstração, um sintoma, de que a Itália do chamado ‘grande Renascimento’ se constrói e impõe um modelo de ação, atitude e cultura – muitas vezes cortesã – aqueles que politicamente a submetem – segundo o autor, a prosperidade da Itália é a prosperidade do

---

<sup>7</sup> BRAUDEL, F. *Op. Cit.* Fenômeno generalizado através dos reinos da cristandade latina através dos séculos XIV e XV.

<sup>8</sup> LARIVAILLE, Paul. *A Itália no tempo de Maquiavel: Roma e Florença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979. Segundo sua análise contextual, explora o ambiente itálico de maneira rica e plural – a política, economia, sociedade e cultura itálicas.

<sup>9</sup> BRAUDEL, F. *Op. Cit.* Pg. 22 “E, repentinamente, essa civilização recobre quase toda a Europa, a católica, e de viés, a Protestante. Estranha prova de unidade de um universo dividido, talvez falsamente dividido contra si mesmo. Em termos de civilização, a Itália que investigaremos vai assim do Renascimento esboçado ao barroco triunfante. Trata-se, no mínimo, de uma dupla ou de uma tripla irradiação, talvez de uma só e mesma superioridade.”.

Ocidente. E principalmente através dessa tão extensa baliza temporal como o Renascimento, observamos algumas especificidades da Itália perante o conjunto geral do Ocidente<sup>10</sup>.

Maquiavel buscou estratificar uma solução para o problema da fragilidade dos estados italianos perante os estados estrangeiros, potências perante as diminutas unidades políticas centradas na cidade. Pragmático, partiu do princípio da governabilidade através da coerção – do controle social através de uma iminência permanente do uso da violência pelo governante contra os governados. Dado que os estados citadinos seus contemporâneos haviam há muito demobilizado suas milícias e optado pelos mercenários<sup>11</sup>, Maquiavel observará apenas nos próprios mercenários o poder coercitivo oriundo das armas, da excelência militar, gradualmente deixada de lado pela aristocracia cidadina. E o risco oriundo da ausência de uma organização dedicada à proteção da comunidade política urbana; vulnerabilizada.

Melhor dizendo, é nos líderes mercenários que Maquiavel encontra tanto um componente do problema, como sua solução. A instituição dos *condottieri*, capitães de companhias de guerreiros mercenários que se associam às cidades com as quais traçam contratos de serviço específicos – os quais muitas vezes mais beneficiam os contratados do que seus contratantes. E cujos serviços provavam-se arriscados, dado que perante a mudança de interesses de seus capitães, tais contratos seriam descartados em busca de oportunidades de ganho maiores. Mais do que isso, os mercenários criam um problema social mesmo para seus empregadores – a balbúrdia e os roubos quando aquartelados junto à cidade, aos saques e devastação causados nos campos; mesmo no *contado* sob a proteção da *comuna* que os contrata. A violência intrínseca à vida do guerreiro, do espólio como maior mobilização de recursos, gerava então tantos problemas àqueles que usavam de seus serviços em tempos de paz, assim como a seus inimigos em tempos de guerra.

Em *O Príncipe*, uma das maiores críticas de Maquiavel aos mercenários – e a censura contra os *condottieri* – se constrói sobre essa falta de fiabilidade, além dos perigos inerentes

<sup>10</sup> DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Volume 1. Editorial Estampa, 1994. Pg. 20. “É certo, no entanto, que a Itália, pelos seus humanistas, pelos seus artistas, pelos seus homens de negócios, pelos seus engenheiros e pelos seus matemáticos, foi o país de vanguarda, o principal responsável pelo grande avanço europeu.”

<sup>11</sup> CAFERRO, William. *Italy and the Companies of Adventure in the Fourteenth Century*. The Historian. Vol. 58, issue 4, 1996; & NICOLLE, David. *Italian Militiaman 1260-1392*. Oxford. Osprey Publishing, 1999; O fenômeno é observado por ambos os autores, embora com algumas conclusões diferenciadas a respeito das causas dessa opção pela maior parte das cidades italianas. Caferro observa que o problema social e econômico da presença mercenária tanto na cidade como no campo circundante seriam resolvidos com um menor risco e gasto de recursos econômicos – taxas e impostos levantados pela *comuna* – com o contrato desses guerreiros do que com a repressão e o combate contra os mesmos. Nicolle nota, no entanto, também que a efervescência econômica da Itália gerou, de uma maneira geral, um conforto na burguesia cidadina a ponto dos conselhos administrativos optarem por deixar de lado a conscrição e o serviço militar, as milícias organizadas e compostas por habitantes dessas cidades, pela opção pelo profissional guerreiro – os *condotteiri* e suas *compagnies di venture*.

aos súditos do príncipe, e logo, ao seu próprio principado; além da consideração sobre os embates entre *condottieri* como combates ‘ensaiados’<sup>12</sup>, aonde o vigor marcial é transformado em ato teatral – poucos feridos e mortos, além de inerentemente evitarem dar combate de fato à seus pares. No entanto, como observa David Nicolle, tal perspectiva deve ser problematizada como um exagero condizente com o argumento que Maquiavel pretende traçar mais do que uma realidade factual. Maquiavel vê, no entanto, nos *condottieri* aqueles que poderiam, uma vez tomando rédeas da *fortuna*, assenhorar-se de principados. O poderio militar próprio – a maneira mais segura de adquirir e manter um principado, segundo Maquiavel – é detido pelo *condottiere* em sua própria companhia. Alguns exemplos históricos nutrem a opinião do autor – dentre eles, Francesco Sforza, que tornaria-se Duque de Milão graças à sua habilidade política assim como de sua perícia militar. Cesare Borgia, com o qual Maquiavel tivera contato próximo na embaixada florentina à Romagna. E Castruccio Castracane.

A obra *La Vita di Castruccio Castracane* seria então o exemplo didático e histórico de um príncipe-*condottiere*, uma figura sincrética que, graças à sua *virtu* guerreira, sua astúcia, suas características cultivadas, pode manobrar a *fortuna*<sup>13</sup>, os eventos e recursos os quais são independentes de sua vontade e ação imediata. A *Fortuna*, é equiparada por Maquiavel a um rio transbordante – cuja fúria terrível consome os campos e destrói as casas; mas que com a intervenção humana, pode ser controlado através de drenagens, canais, e diques. Que o Príncipe exemplar deva controlar a *fortuna* através de sua *virtu* é uma leitura frequente e correta de sua obra mais famosa, mas é em *La Vita di Castruccio Castracane* que o exemplo histórico é traçado mais eficientemente – de maneira que é a leitura dessa obra que seria utilizada como propaganda da proficiência literária de Maquiavel perante o Cardeal Giuliano de Médici – que a partir daí pagaria à Maquiavel pela composição da *História de Florença*. Sendo assim, este será o estudo desenvolvido através desta monografia – explorar a obra *La*

---

<sup>12</sup> NICOLLE, David. *Italian Medieval Armies 1300-1500*. Oxford: *Men-At-Arms Series*; 136. Osprey Publishing, 1995. Pg. 30 “This could be dismissed as the gross exaggeration of a political writer who was opposed to the whole concept of employing mercenaries. Yet *condottieri* leaders were often not interested in fighting battles and campaigns to a decisive conclusion as this would merely have put them out of business.” & Pg. 32 “Further investigation of accounts of Italian battles also indicate that the idea of their being ‘bloodless’ was often a fiction. [...] The vast casualties that resulted from the battle of Parabiago in 1340 confirm this, and the fact that it was fought with snow on the ground also refutes the idea that *condottieri* were averse to campaigning in bad conditions.” O autor alerta para a interpretação das palavras de Maquiavel citadas adiante como efetivamente reais – são certamente uma construção ideológica com a finalidade de demonstrar como o sistema dos *condottieri* seria inadequado ao diluir a perícia do combate aos objetivos próprios dos guerreiros em detrimento de seus contratantes.

<sup>13</sup> O personagem Castruccio Castracane é o exemplo maior dessa qualidade, ao manejar sabiamente a *fortuna*, as condições em que estava inserido, dado à sua astúcia e perícia militar – a *virtù* tanto explorada por autores do renascimento.

*Vita di Castruccio Castracane* devidamente consciente da situação contextual a qual demandou do autor a confecção da obra, assim como seus recursos literários, sua pertinência à uma tradição de obras de caráter político assim como didático, e a presença de seu ideal político na construção desse arquétipo de um Príncipe perfeito, sobre a figura histórica de Castracane – além da evidência da manipulação desse personagem com a finalidade do estabelecimento desse *exemplum*. Determinado pelo uso que Maquiavel optou por fazer do passado de maneira consciente e deliberada, o Senhor de Lucca em sua obra é menos um personagem factual do que um exemplo autorizado pelo Passado, pela sua historicidade intrínseca.

Notamos que através de sua obra, de maneira mais extensa, Maquiavel traçou, combinando sua experiência de vida assim como a leitura dos clássicos e do seu próprio arcabouço histórico, uma fórmula através da qual se aproveitar de uma instituição social bem estabelecida – os *condottieri* e suas *compagnie di ventura* mercenárias, para com a manutenção da ordem pública e o exercício do poder. Seu contexto demandou de si a reação perante a presença e influência política de estrangeiros, sua reação à elaboração de um construto político para salvaguardar a Itália como concebida em seu período da espoliação total e desenfreada perante poderes estrangeiros consolidados.

## 1. Maquiavel e Seu Tempo – Do Político ao Escritor

O Renascimento tem em seu próprio nome um conceito intrigante. Renascer perante o que? Qual característica os eruditos imaginariam para assim denominar tal período? É necessário estabelecer alguns parâmetros de análise a fim de denominar o período em que Maquiavel se insere como tal; assim como outros períodos que a historiografia também passou a denominar e identificar como ‘renascimentos.’ O ‘grande’ Renascimento<sup>14</sup> é tradicionalmente considerado quase em dissociação com um espaço físico, ainda que também seja encarado como um fenômeno que se desloca espacialmente a partir da península itálica<sup>15</sup>. Alguns, como Burkhardt, identificaram o Renascimento como um fenômeno iniciado em meados do século XIV a XV na Itália; com uma difusão do Humanismo, em especial sua concepção ‘cívica’<sup>16</sup>; e que gradualmente se desenvolveria através da Itália e do Flandres em um grande movimento artístico, literário, e mesmo ideológico perante um novo relacionamento com o passado. Outros, como Sichel, preferem estender o uso da expressão ao século XIII, onde esse movimento já se observara na literatura de Dante, Boccaccio e Petrarca, ainda no ambiente itálico. Seu fim já é mais complicado de demarcar – alguns preferem tomar o fim das Guerras Italianas, no final do século XVI, como um fim último do Renascimento; embora outros prefiram tomar as Guerras Religiosas, em especial a Guerra dos 30 Anos<sup>17</sup>, como um marco mais significativo – política e religiosamente – da culminação de questões surgidas durante o Renascimento. Um relacionamento este baseado no resgate de fórmulas antigas, do mundo romano, de uma nova perspectiva de Homem e de sua posição perante Deus.

No entanto, é importante desconstruir o conceito de Renascimento – principalmente aquele criado e disseminado por autores que compõe tal fenômeno, e muitas vezes comprados e disseminados pela historiografia que os explora. Do conceito de ‘Idade das Trevas’ atribuído à Idade Média por Petrarca, às diversas biografias de Giorgio Vasari descrevendo como ‘primitivo’ ou ‘bárbaro’ as composições artísticas anteriores ao resgate dos estilos

---

<sup>14</sup> ROMANO, Ruggiero & TENENTI, Antonio. *Los Fundamentos del Mundo Moderno. Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma*. Siglo XXI de España Editores, 1980. “Sin embargo al margen de los fenómenos históricos que pretende designar, hay que reconocer que traduce y comporta, sobre todo, un fenómeno cultural contemporáneo. Renacimiento, en efecto, es un vocablo que ha expresado un modo de concebir ciertos aspectos de la cultura occidental en torno al 1500 como momento inicial de la historia moderna de Europa;”.

<sup>15</sup> SICHEL, E. *O Renascimento*. Jorge Zahar Editora. 1972. Consenso historiográfico considerar a Itália como berço desse movimento do Renascimento impulsionado pelo Humanismo - em busca de redescobrir os estilos clássicos, principalmente inspirados na tradição latina nos âmbitos literários, artísticos, e mesmo militares.

<sup>16</sup> Posteriormente identificado como a corrente política do Republicanismo Clássico por SKINNER, Q; *Op. Cit.*

<sup>17</sup> BURKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Italia*. Companhia de Bolso, 2009

romanos – principalmente quando Vasari observa à Giotto di Bondone, são algumas das perspectivas que ocasionalmente contaminam às interpretações de historiadores sobre o período<sup>18</sup>. Tanto Burkhardt quanto Sichel nutrem perspectivas sobre o Renascimento como um período de real inovação e completa dissociação para com o período anterior, revolucionário perante a Idade Média – quando reconhecemos que tal concepção é mais um mito<sup>19</sup> romântico influenciado pelas perspectivas de relatos desse fenômeno do que propriamente realidades. Negar por completo as influências de gêneros medievais, como os Espelhos de Príncipes, ou mesmo da *Ars Dictaminis* desenvolvida no seio das sociedades urbanas medievais na escrita de Maquiavel seria um equívoco grotesco. A inovação e as emanções de uma modernidade no discurso de autores da Renascença são por vezes tratados como uma grande e completa ruptura com o passado – quando na realidade seriam mais processos em transformação, em mudança e adaptação de constructos teóricos medievais a uma nova realidade – à novas visões de mundo, concepções do homem e da sociedade. Buscar uma ruptura completa através de um corte temporal específico seria ilusório ainda que sintético ou explicativo<sup>20</sup>.

O Renascimento deve, assim, ser compreendido como um período de transformação de instituições, percepções e ideais medievais, gradualmente transmutados naqueles que observamos historiograficamente como modernos. Dado do resgate inerente de fórmulas clássicas a essa mobilização da erudição da Cristandade Latina, outros movimentos marcados pela busca e inspiração no passado também seriam chamados de Renascimento. O Renascimento Carolíngio e o Renascimento do Século XII, por exemplo, também foram

---

<sup>18</sup> BURKE, Peter. *El Renacimiento*. Traducción castellana de Carmen Castells. Ed. Crítica. Barcelona. 1999. Pg. 10. “Como todas las autovaloraciones, las de los intelectuales y artistas del Renacimiento resultan reveladoras y a la vez inducen a error. Como otros hijos que se rebelan contra la generación de sus padres, esos hombres tenían contraída una gran deuda con la Edad Media que tan a menudo denostaban. Acentaban su distancia con respecto al pasado reciente y al propio tiempo minimizaban la que les separaba del pasado remoto, la Antigüedad que tanto admiraban.” As perspectivas dos autores renascentistas devem assim ser tomadas com cuidado, para que as impressões negativas que por vezes nos ofertam sobre seu passado próximo, ao qual devem diversas vezes seus modelos narrativos e recursos técnicos, não sejam assumidas como realidade factual – mas como um discurso sobre o passado – legitimador no caso da Antigüidade, mas detrator no caso da Idade Média.

<sup>19</sup> BURKE, Peter. *Op. Cit.* Pg. 8. “Cuando los historiadores profesionales aluden a los <mitos>, por lo general se refieren a relatos del pasado que se pueden considerar como falsos, o en cierta manera engañosos. En el caso de la descripción que Burckhardt hace del Renacimiento, los historiadores ponen en tela de juicio, por exagerados, los espectaculares contrastes que el autor señala entre el Renacimiento y la Edad Media, y entre Italia y el resto de Europa, ya que tales contrastes se producen por no haber tenido en cuenta las diversas innovaciones que se realizaron durante la Edad Media, la pervivencia de actitudes tradicionales en el siglo XVI e incluso más tarde, ni tampoco el interés de los italianos por la pintura y por la música de los Países Bajos.” Burke nos oferece aqui uma de suas interpretações sobre o tratamento do Renascimento através dos estudos basilares de Burkhardt sobre o período, assim como das interpretações do autor sobre o termo ‘mito’, a qual nos utilizamos aqui.

<sup>20</sup> DELUMEAU, Jean. *Op. Cit.* Pg. 16 “Renascimento pressupõe, pelo menos, um torpor, um sono prévio. Ora é ilusório buscar uma nítida ruptura na trama contínua dos tempos. Portanto, o valor extensivo do termo será limitado à idéia, justa e precisa, da promoção do Ocidente e do avanço que este rapidamente tomou sobre as civilizações paralelas.”

movimentos de busca e resignificação de estilos latinos, principalmente na confecção de códigos legais baseados no Direito Romano. Debruçando-nos sobre Maquiavel, é necessário delimitar o tempo de sua vida dentro desse Renascimento ‘maior’, sua percepção mais comum e utilizada; dado que o autor florentino nascera em meados do século XV, sua atividade política tomando lugar na última década do *quattrocento* e na primeira década do *cinquecento*, seu exílio político levando à sua efusão lírica nas décadas seguintes até seu falecimento em 1527 – ou seja, o período que alguns consideram inclusive ápice da República Florentina, sob o governo e patronato de Lorenzo de Médici, o Magnífico, e da escola neoplatônica de Marsilio Ficino.

O ambiente político da Itália durante o longo período do Renascimento é notavelmente instável, instabilidade essa cujos efeitos fragilizariam de maneira geral toda a composição política regional, tornando suas ricas cidades vulneráveis tanto umas às outras, quanto a intervenções externas. A invasão de Carlos VIII em 1494 parece inevitável, dado a consolidação política empreendida pela dinastia de Valois com a morte de Carlos, o Temerário, da Borgonha; assim como a aproximação empreendida em sua corte; e seria apenas a primeira de uma série de invasões aonde poderes estrangeiros ditariam a configuração política da península itálica – os conflitos das Guerras Italianas, que se arrastariam através do século XVI, notáveis pois travados por partes beligerantes estrangeiras ao solo itálico. Tanto o Reino da França quanto o da Espanha consolidados em Estados Nacionais dividirão os estados italianos em partidários de si próprios, expandindo suas zonas de influência política ao passo que não surgirá uma mobilização de fato ‘italiana’ contra os invasores no âmbito político – mas sim no cultural, reforçando-se uma identidade própria dos habitantes da península com a desagregação do sistema político que regera seus dias - uma ‘italianidade’ já presente nos discursos humanistas.

Essa instabilidade pode ser notada na própria complexidade de unidades políticas que compõe a península durante toda a Idade Média, ainda que um elemento destes seja fundamental para a compreensão das relações políticas nestes espaços – a cidade. A *comuna*, ou ainda, as *comune* italianas pontuam e espalham-se através das regiões que compõe a península, definindo-a interna e externamente. Sua *Liberdade*, conceito compreendido como independência política, fora desde a resistência à influência imperial<sup>21</sup> uma realidade política – as *comune* regeram-se por leis, práticas consuetudinárias e administrações políticas internas,

---

<sup>21</sup> A Liga Lombarda de 1167 fora uma das primeiras manifestações desse ânimo político em busca de uma independência perante o Império. De fato, uma das características do jogo político itálico seria justamente a ocasional aliança entre *comune* independentes, repúblicas, e estados consolidados em tiranias. A Liga continuaria a existir como aliança até a morte de Frederico II Hohenstaufen, e desintegraria-se em 1250.

próprias, independentes umas das outras, ainda que muitas vezes com similaridades indistinguíveis.

A cidade, então, define o ambiente itálico. Centro econômico, seus mercados movimentados por um desenvolvimento comercial de vulto<sup>22</sup>, e também centro político, seio da dicotomia entre o espaço urbano e o *contado*, o espaço rural que o sustenta e submete-se politicamente à cidade; a comuna também se tornou residência da nobreza peninsular. Aqui é importante ressaltar que essa nobreza<sup>23</sup> compõe-se de uma aristocracia cidadina, cuja ancestralidade por vezes é dúbia, mas que toma para si prerrogativas de caráter feudal muito similar às nobrezas de além-Alpes – como a posse e proteção de propriedades rurais, assim como um estatuto jurídico e social diferenciado – mas também composta por famílias burguesas cuja potência econômica também eleva sua relevância política. Um termo apropriado para essa nobreza, cujo caráter também se altera de acordo com as tradições locais de cada região, seria um patriciado citadino, definido assim como a sociedade política comunal, cuja articulação política depende de critérios censitários tanto quanto de uma ancestralidade célebre<sup>24</sup>. Os diversos sistemas eletivos, inspirados nos valores da antiga república romana, destinavam-se à uma rotação de participantes nos ambientes políticos – na maior parte das vezes, colegiados, de acordo com cada *comuna*.

No entanto, desde o século XIII se observa uma gradual mudança de sistemas de partilha de poder na península, das cidades que contam com organizações políticas comunais, para *signorie* controladas por apenas uma figura, as chamadas Tiránias. Essas tiránias surgem como opções plausíveis perante os conflitos gerados pelos combates e a violência entre facções diversas indissociável dos regimes republicanos, métodos de resolução política<sup>25</sup> – as

---

<sup>22</sup> MICELI, Paulo. *O Feudalismo*. Atual Editora, 1994. Pg. 65 “1273 – Os tecelões de Lucca utilizam a energia hidráulica para acionar as torcedoras de seda” Embora o autor contamine sua análise sobre o feudalismo constantemente através de juízos de valor oriundos de sua orientação política marxista, seus argumentos sobre um certo desenvolvimento tecnológico pré-industrial em Lucca também são observados por Louis Green, reforçando a perspectiva da cidade como importante polo tecelão.

<sup>23</sup> A *nobilitas* defendida por Dante e por Salviati, uma ‘nobreza’ de ação e espírito, da atividade franca e honesta, é um conceito por vezes utilizado por eruditos do período – e por Maquiavel. A nobreza comentada aqui refere-se à sociedade política aristocrática e burguesa que rege os estatutos e conselhos político-administrativos comunais.

<sup>24</sup> O caso de Florença é emblemático dessa dinâmica política. O sistema eletivo é explorado por LARIVAILLE, P. *Op. Cit.* em grandes detalhes. Larivaille e Alberti em obras diferentes demonstram, no entanto, que o sistema era passível de corrupção ativa – a ‘hegemonia’ política dos Médici iniciada por Cosimo II Vecchio tratava de indicações e substituições de nomes passíveis à eleição nas *borse* de onde seriam sorteados candidatos, assim apenas elegeendo-se aqueles vinculados à Casa de Médici.

<sup>25</sup> COHM JR; Samuel Kline & RICCIARDELLI, Fabrizio - Editors. *The Culture of Violence in Renaissance Italy: Proceedings of the International Conference*. Georgetown University at Villa Le Balze, 3-4 May. Le Lettere, 2010. Tomando o fenômeno da Violência como método de Resolução Política através da História, Cohm e Ricciardelli organizaram tal evento que culminou então em uma série de artigos reunidos sobre as mais diversas manifestações do uso da violência, sua legitimidade ou não, através de estudos de caso. Dentre eles, é



divisões entre Guelfos Brancos e Negros, tomando o exemplo florentino. Conflitos estes surgidos como apenas outra concepção da resolução política – a violência também fora uma forma legítima da afirmação de uma corrente política sobre outra. Diversos autores posicionaram-se sobre a questão da Liberdade e do abandono desse valor tão caro pela segurança de um regime tirânico – ou combatendo tal perspectiva. De fato, também Patrick Gilly observa essa inflexão paralela ao fortalecimento do *Popolo* através da criação de instituições deliberativas – Conselhos dos mais diversos – que, conjuntamente com as magistraturas como a do *Podestà*, organizam as repúblicas comunais<sup>26</sup>. O caso de Castruccio Castracani, que será trabalhado através desta pesquisa, é emblemático deste fenômeno.

A criação do conceito de *Vendetta*, uma espécie de vingança/retribuição às ofensas cometidas, tanto às de caráter pessoal quanto às de caráter político, surge nesse espaço de violência como uma reação aos desafetos assim como reafirmação política de grupos, familiares ou interesses similares; o que também retroalimenta a lógica da violência, que surgem nas fontes exploradas, nos diversos episódios de re-estruturação política de Florença, e que se mostram como um dispositivo de mobilização e ação através de toda península. A política pragmática demonstrada através de todas as obras do autor é uma elaboração teórica sobre a ação política factual exemplar desse sistema.

Maquiavel surge então dentro desse ambiente conturbado, em um dos centros políticos de maior desenvolvimento cultural da península. Afinal, Florença, maior cidade da Toscana, além de metrópole regional fora lar de Dante Alighieri, Coluccio Salutati, e outros escritores que também se inseriam nesse contexto de fragilidade política, também frutos e desenvolvedores do Humanismo Cívico que fundaria as perspectivas políticas do autor.

## 1.1 Biografia

---

importante o papel tomado pela *Vendetta* como uma espécie de violência, política ou não, legitimada pela honra do perpetuador.

<sup>26</sup> GILLY, Patrick. *Op. Cit.* Pg. 93. “Os tiranos (segundo a terminologia frequentemente empregada pelos cronistas para designar essa nova realidade que emergia) tinham chegado ao poder ao subverter, a partir do interior, as instituições comunais. Nomeados podestades ou capitões do povo, tolerados originalmente pelos cidadãos que os viam como um meio para chegar à paz e à concórdia inacessíveis de outra maneira, eles veem os seus cargos prorrogados por anos, até mesmo toda a vida. Fortalecidos por sua legalidade, os senhores continuam formalmente a respeitar as instituições comunais, mas esvaziando-as de sua essência: os conselhos tornam-se vazios, privados de toda a capacidade de decisão.” Curiosamente, é de tal maneira pertinente o caso de Castruccio Castracani para com Lucca – no entanto, demonstrado por Maquiavel sob uma ótica positiva. Outros autores notam esse fenômeno, como Quentin Skinner, e no caso específico de Castracani, a pesquisa de Louis Green.

Era natural que alguém como Niccolò fosse educado como um Humanista. Primogênito de Bernardo Machiavelli, formado em Direito e digno do título de *Messer*, Niccolò seria educado perante a perspectiva de trabalho na administração cidadina, aonde alguém de sua extração poderia, com aplicação, tornar-se peça importante do cenário político florentino. Treinado para isso, fora ensinado a ler e escrever, tomando obras clássicas como referência literária assim como explorando sua estilística, tornando-se um literato erudito dado às funções esperadas de um burocrata – escrever. A redação de discursos e cartas é parte fundamental da ordenação do comando, e assim treinada, as funções de Maquiavel, como secretário da Segunda Chancelaria, dependeriam de relatórios, cartas e sugestões escritas aos conselhos dirigentes da República Florentina. As atribuições de seu cargo seriam principalmente diplomáticas, um agente florentino visitando cortes como representante de sua cidade<sup>27</sup>. Essa carreira fora pensada para Maquiavel dado que seu pai, Bernardo, não era um homem rico, um burguês ligado às atividades comerciais, mas também um homem com alguns rendimentos – provavelmente extraídos da propriedade que Niccolò herdaria e aonde seria exilado posteriormente – e, segundo Masters, um devedor que herdou dívidas de família. E, mais importante, alguém educado na tradição humanista<sup>28</sup> cuja perspectiva de sobrevivência na sociedade florentina observava horizontes muito possíveis para seu filho.

Masters traça um breve biografia de Maquiavel, assim como também rastreia alguns de seus parentes, buscando mais informações sobre sua família, e seu grupo político – que demonstra como não sendo partícipe da dominância política sobre a *comuna*, mas também não oriunda das camadas de artesãos e trabalhadores manuais diversos. Pertencente assim a uma camada média – cujas possibilidades de prosperidade e ascensão social também se contemplam a administração pública. Masters também nota algo das práticas nominativas familiares – Niccolò é um nome recorrente dentro da família imediata de Maquiavel.

O literato apenas surgiria novamente nas fontes como um personagem de influência na sociedade política florentina na data de sua eleição ao cargo de funcionário da segunda chancelaria de Florença – e sua carreira política fora explorada de maneira rica e detalhada também por Masters, em sua busca pelas interações entre o então-secretário, e um certo engenheiro hidráulico – Leonardo Da Vinci. Das perspectivas partilhadas por ambos, alguns autores encontram o conceito de *virtù* demonstrando a ação humana deliberada perante uma

---

<sup>27</sup> Roger Masters sugere que a função de Maquiavel como diplomata também revela uma dinâmica de ‘espionagem’ rudimentar – sua presença e testemunhos informavam a *Signoria* de Florença sobre outros jogadores na política italiana.

<sup>28</sup> MASTERS. Op. Cit. Pg 54 A mãe de Maquiavel também é educada – escreve hinos à Virgem Maria dado o nascimento de Maquiavel.

*Fortuna* inconstante e terrível – e, curiosamente, através do mesmo argumento, da mesma metáfora: A *Fortuna* é como um Rio<sup>29</sup>. Tal situação fora explorada tanto por Roger Masters como por Nina Witoszek, cujas pesquisas percebem a perspectiva de ambos eruditos do Renascimento do papel do homem perante a natureza – e das transformações que o primeiro determina à segunda como um processo de adaptação da obra divina aos planos dos homens. O paralelo para o relacionamento mais conhecido entre a *Virtù* e a *Fortuna* de Maquiavel é esclarecido por tal perspectiva.

Enquanto um político de profissão, Maquiavel observaria certa fragilidade dos estados italianos perante as monarquias além-Alpes. Enviado como diplomata tanto aos principados germânicos do Sacro Império quanto ao reino de França, o autor observa a partir do princípio das Guerras Italianas com a Invasão de Carlos VIII em 1494 uma inabilidade de uma resistência organizada perante os ‘bárbaros’ franceses dado às políticas intestinas aos estados italianos – de tal maneira chamados tanto pela brutalidade observada pelos habitantes da península itálica, espoliados, tanto pelos eruditos que notam nos franceses costumes e tradições diferentes de seus próprios. O costume das guerras dos *condottieri*, caracterizadas pelos saques mas também pelo aprisionamento dos vencidos em busca de resgates, e das manobras que evitam o contato e o choque em batalha de maneira sistemática são muito diferentes daqueles métodos empreendidos pelos franceses. O choque entre modelos de empreendimento guerreiro diferentes tem repercussões diversas – como os apelos de Maquiavel no encerramento de *O Príncipe* em busca de um unificador, de um príncipe poderoso e resolutivo italiano perante a rapina e a espoliação estrangeira.

Carlos VIII fora um rei aventureiro. Atribuindo-se a coroa do antigo reino cruzado de Jerusalém, e imaginando sua possível reconquista das mãos do infiel muçulmano, assim como uma reação do desastre em Nicópolis 1396, o rei de França teria planejado essa grandiosa empreitada através do resgate da reivindicação de seu pai, Luís XI, sobre o trono do Reino de Nápoles. Em 1494, decidido a empreender uma campanha pela conquista desse reino, o Rei de França lidera uma grande hoste à Itália – terminando um período de equilíbrio político entre os mais importantes e poderosos estados da península desde a Paz de Lodi, de 1454. Nápoles em si atravessara durante meados do século XV uma disputa entre as pretensões da casa de Anjou - ramo colateral da Casa Régia de Valois, das quais Carlos fora herdeiro, e o

---

<sup>29</sup> WITOSZEK, N. *Rivers and Humans: The Civilizing Project of Leonardo da Vinci and Niccolò Machiavelli*. In: W. OSTRENG. *Transference. Interdisciplinary Communications*. 2008/2009. CAS Oslo. 2010. A perspectiva partilhada por ambos os pensadores – Da Vinci e Maquiavel – também é tema do estudo de Roger Masters. De fato, a metáfora da *Fortuna* como um Rio perante o qual o homem de *virtù* prepara seus diques fora popular entre pensadores humanistas da virada do século XV para o século XVI.

ramo colateral aparentado os reis de Aragão, que então governavam Nápoles. Em suas pretensões sobre a conquista de Nápoles – uma base para suas eventuais campanhas crusadísticas contra os turcos em busca da libertação da Cidade Santa ou mesmo da Nova Roma – Carlos VIII organiza uma grande invasão para a tomada de Nápoles, mas dado à política de alianças do reino de Aragão sobre o Mediterrâneo entre as penínsulas itálica e hispânica e a evidente supremacia aragonesa e de seus aliados no mar, Carlos pretende uma longa marcha à Nápoles através da península itálica.

A situação paralela da ascensão de Girolamo Savonarola em Florença, e a subsequente desorganização da República dado sua catalização de uma emotividade religiosa popular também seria observada por Maquiavel – Savonarola é o principal ‘Profeta Desarmado’ a quem o erudito se refere em *O Príncipe*, ao notar aqueles aspirantes ao poder que não contam com armas para manter-se em relevância. A situação da Invasão de Carlos VIII se resolveria com o esforço conjunto de diversos príncipes italianos em uma Liga, a qual, com a benção de Alexandre VI, enfrentariam as hostes de Carlos em Fornovo, fugindo de sua conquista com o butim da Campanha – tentando escapar às epidemias de sífilis em Nápoles, provalmente exportadas do Novo Mundo através dos comerciantes e navegadores que frequentavam então ao grande porto. Tais mobilizações culminariam na Batalha de Fornovo, em 1495 – a qual a historiografia tende a considerar um ‘empate’<sup>30</sup>. Enquanto Carlos VIII consegue forçar passagem com seus guerreiros e cavaleiros, os *stradiotti* – cavalaria leve veneziana recrutada nas costas da Dalmácia – conseguem capturar o campo francês, assim como boa parte do butim oriundo do saque de Nápoles. A fuga francesa levaria ao trono de Nápoles descendentes de Ferrante de Nápoles, da Casa de Aragão.

Em 1499, outro conflito traria os franceses à Itália – desta vez liderados por Luís XII. Ocupando a Milão e a Gênova, traça um tratado de divisão do Reino de Nápoles com Fernando V de Aragão, o qual ambos concordam conquistar e dividir – com o apoio de Alexandre VI. No entanto, apenas três anos depois, em discordância com a divisão pressuposta, franceses e espanhóis vão à guerra – e uma série de vitórias espanholas, como Garigliano em 1503 e Gaeta em 1504 levariam ao Tratado de Lyon, naquele mesmo ano,

---

<sup>30</sup> NICOLLE, David. *Fornovo 1495 – France’s Bloody Fighting Retreat*. Oxford. *Campaign series - 43*. Osprey Publishing, 1996. Pg. 85. “France gained nothing from King Charles’ invasion and had actually lost a great deal in relations to its neighbours Spain, the German Empire and even England. The events of 1494-95 had, however, shown the weakness of a fragmented Italy and other more effective invasions would follow. [...] The Italians’ lack of ruthlessness compared to that shown by their enemies was also soon seen as a weakness, and considerable efforts would be made to introduce ‘barbarian’ savagery to Italian armies. It says something for the Italian character that such efforts never really worked.”

aonde Luis XII renderia sua parte de Nápoles aos espanhóis – mantendo sua conquista de Gênova e Milão, no entanto – e sua base de poder na península itálica.

O advento de pressões venezianas sobre seus territórios de *Terraferma* em expansão – cidades submetidas à República Veneziana em solo itálico, contraposto ao império comercial marítimo através do Mediterrâneo oriental – levaria à interferência do então Papa Júlio II, tentando salvaguardar os territórios da Igreja no norte da Romanha. Em busca de alianças, Júlio II forma a Liga de Cambrai, em 1508 – com aliados entre os franceses, espanhóis e com o Imperador Maximiliano. Tropas francesas marcham contra Veneza, vencendo os *condottieri* Bartolomeo d’Alviano e Niccolò Pitigliano a serviço da República em Agnadello, no ano seguinte. O Rei de França – Francisco I – divide entre si e Maximiliano todas as cidades anteriormente sob controle veneziano na *Terraferma*: Brescia, Bérgamo, Crema, Cremona, Vicenza, Verona e Bassano – todas, exceto Pádua e a própria Veneza. O crescimento da influência francesa reacende os discursos contra os ‘bárbaros’ de além-Alpes – Júlio II acorda paz com Veneza, formando uma Liga Santa contra os franceses, e na tomada de Milão dos franceses pelos suíços, que restauram os Sforzas ao poder, anteriormente depostos por Luis XII.

Em 1515, após a Lombardia ter trocado de mãos entre franceses e suíços, Francisco I debanda os suíços na Batalha de Marignano, retomando Milão, e acordando a Paz de Noyon no ano seguinte com os espanhóis – reafirmando a dominação francesa sobre Milão e a espanhola sobre Nápoles. Em 1519, Carlos V tornaria-se Imperador, e seus projetos de natureza ‘medieval’ e universalista o levariam a conflitos também na Itália<sup>31</sup> – desta vez, utilizando-se de seus recursos da Espanha contra os franceses. Vencendo em La Bicocca, em 1522 aos franceses, que evacua à Itália quando ouvem na tomada de Gênova por tropas imperiais após a batalha.

No ano seguinte, uma nova invasão francesa, sob Guillaume de Bonnavet, tenta recuperar os territórios perdidos contra o Imperador. Um cerco infeliz sobre Milão leva a necessidade da hoste francesa a recuar para campos de inverno mais apropriados, longes da cidade – e nesse período, a maior parte do contingente de mercenários suíços debandou a causa de França, abandonando os campos. Reforços vindos de Nápoles, assim como a

---

<sup>31</sup> WESTPHALEN, Cecília Maria. *Carlos-Quinto Seu Império Universal 1500-1558*. Center Design, 2000. Pgs. 8. “Na tragédia da adaptação muitos são os que ficam ou renunciam, mesmo os condutores de povos, porque não podem realizar seu destino vencendo o paradoxo que trazem, a sua formação segundo um ideal antigo superado e as exigências de um mundo novo, segundo novas aspirações. Carlos de Gande viveu uma dessas épocas e sofreu dessa angústica. Ninguém teve como ele, na história da Europa, a idéia de um Império universal cristão. [...] Sem dúvida, Carlos de Habsburgo foi o último Imperador de inspiração medieval. Mas não realizou o seu Império universal cristão.”

participação veneziana contra os franceses preparou enfim uma resistência organizada perante tal invasão. Em 1524, os aquartelamentos de Bonnavet são atacados e debandados em Sesia – aonde diversos líderes franceses são capturados ou mortos, e a maior parte da artilharia capturada – tal o êxito da causa imperial que o pretendente Carlos de Bourbon, aliado de Carlos V, levou seus homens à sitiarem Marselha.

Francisco I preparara nova hoste, e avançou sobre a Itália novamente, forçando a recuada de Bourbon – retomando a cidade de Milão, mas não ao castelo guarnecido por guerreiros do Imperador. Praga atacava à cidade, que é abandonada pelas forças imperialistas, recuando à Pavia aonde se encontrariam com reforços – e para onde são perseguidos pelos franceses. A cidade é bombardeada, mas os assaltos franceses são rechaçados, e uma tentativa de represar o rio que defendia as muralhas também não obtem sucesso. Francisco decide sitiarem a cidade – enquanto Clemente VII é eleito Papa e promete auxílio aos franceses de seus aliados em Florença, Veneza e mesmo nos Estados Pontifícios.

Em 1525, Giovanni delle Bande Nere lidera a hoste dos Médici em auxílio de Francisco, que então envia um terço de seus homens para a tomada de Nápoles. No entanto, o avanço dessa hoste para o sul é lento, e o progresso deles ainda mais precário. Em Pavia, convergem os exércitos imperiais contra o assédio francês - e Francisco seria vencido, capturado, e suas forças desbaratadas. Em um tratado com Carlos V, abriria mão de seus direitos à Borgonha e à Itália – no entanto, uma vez liberto, preparou um novo empreendimento contra Carlos V, com a chamada Liga de Cognac em 1526, contando com Clemente VII, Henrique VIII da Inglaterra, e as Repúblicas de Veneza e Florença. No ano seguinte, Carlos V enviaria seus exércitos à Roma, aonde o célebre saque de 1527 tomaria palco.

No mesmo ano, faleceria Maquiavel. Esse brevíssimo relato das Guerras Italianas até a morte do autor nessa pesquisa analisado demonstra apenas um pequeno curso dos longos e complexos conflitos que ainda se desenvolveriam – até 1529 a crise presente, e novamente cerca de vinte anos mais tarde na chamada ‘última’ das Guerras Italianas. A todos estes conflitos enumerados e sumarizados Maquiavel observara – os primeiros ainda enquanto Secretário da Segunda Chancelaria de Florença, e os últimos como um escritor a serviço dos Médici – principalmente representados por Clemente VII. A fragilidade das políticas de alianças do período, assim como uma certa debilidade dos estados italianos seria então observada por Maquiavel – e de tal maneira, influenciaria sua escrita e suas perspectivas sobre a necessidade fundamental de um príncipe de excelência, para a libertação da península itálica

perante os ‘bárbaros’, assim como salvando-a da espoliação e da ruína que vivenciaria como um observador quase impotente.

O autor insere-se em uma tradição itálica de perspectivas políticas que tomam o poder como uma imanência a ser reforçada e protegida pelas armas – um discurso já presente na figura do Legislador Universal pretendido por Dante Alighieri assim como o Defensor da Paz sugerido por Marsílio de Pádua, e também como ambos o erudito aproximaria-se de figuras de autoridade sobre as quais exerceria certa influência, mesmo política, como um conselheiro reconhecido dado sua experiência política anterior. Maquiavel traçaria o seguinte modelo – Bons Príncipes regem através de Boas Leis tanto quanto por Boas Armas. A moralidade cristã não se apresenta como uma característica basilar de sua argumentação política – de fato, sua escrita é permeada de situações contraditórias perante o discurso cristão: a tomada do poder se justifica pela potencialidade da mesma, os usos da crueldade como método de manutenção do poder, assim como a devassidão presente em suas obras dramáticas como *A Mandrágora*.

Mas mesmo assim, Maquiavel fora bem recepcionado pela Igreja – ou melhor dizendo, pelo Papa. Sua escrita não apenas o aproximaria das cortes do poder dos Medici em Roma ou em Florença, como também lhe valeriam as encomendas e os trabalhos históricos como a própria História de Florença. Observamos aqui uma transformação na moralidade cristã de fato conduzida pela Cúria, de um afrouxamento das demandas mais sóbrias do evangelho assim como de uma liberalidade perante as artes literárias que indisporia de tal maneira a sociedade da cristandade latina que culminaria nas Reformas Protestantes, contemporâneas ao autor.

Sua obra seria considerada em si um modelo de ação prática mesmo em seu próprio tempo. Por mais que Maquiavel fosse apenas um magistrado, e posteriormente, um dramaturgo, literato, e historiador, suas opiniões, inspiradas em modelos clássicos principalmente romanos, sobre a Arte da Guerra, a organização de hostes assim como da defesa militar de cidadelas tornariam-no celebrado nos círculos humanistas os quais frequentara. Seu reconhecimento como um teórico do combate é tal que seu mecenas, o papa Clemente VII, uma vez que a imagem de Maquiavel perante os Medici se reabilitara, teria o erudito como responsável pela renovação das muralhas de Florença, assim como posteriormente um conselheiro militar, acompanhando as campanhas das forças papais em 1527.

Ainda assim, Maquiavel sofreria diversas críticas – principalmente perante seus supostos conhecimentos sobre a liderança de guerreiros e sobre seu modelo de inspiração ‘romana’ da ordenação de hostes. De fato, na ocasião da organização da milícia florentina

recrutada por Maquiavel – e treinada pelo condottiere Giovanni delle Bande Nere, Matteo Bandello, conselheiro do capitão mercenário, traça o seguinte comentário sobre a inaptidão de Maquiavel:

*Vós vos lembrais, sem dúvida, do dia em que o nosso engenhoso senhor Nicolau Maquiavel, junto aos muros de Milão, quis realizar essa disposição de infantes de que ele havia abundantemente tratado em seu livro sobre a arte da guerra... O senhor Nicolau, naquele dia, nos manteve plantados ao sol por mais de duas horas, sem jamais conseguir ordenar três mil infantes da maneira proposta no livro... Vendo então que ele não resolveria o problema tão cedo, vós me dissesdes: ‘Bandello, vou pôr fim a esse espetáculo aborrecido a fim de que possamos todos ir almoçar’. E dizendo logo a Maquiavel que se retirasse e transferisse a responsabilidade para as vossas mãos, num piscar de olhos, com a ajuda de tamborins, vós ordenastes esses três mil homens de diversas maneiras, para grande admiração de todos presentes.<sup>32</sup>*

Toda a situação, relatada por Bandello de maneira displicente, transforma Maquiavel em um teórico incapacitado da Arte da Guerra, um fanfarrão perante o profissional condottiere. Ora, mais do que apenas um relato humilhante para a perícia tática suposta de Maquiavel, mas também um detrimento à seus métodos e técnicas inspirados nas obras clássicas cuja leitura assídua inspirariam seu método – mencionado e conhecido de seu detrator Bandello, como evidenciado na passagem. Um magistrado mais do que um guerreiro, é importante demonstrar como a recepção de Maquiavel como um conselheiro militar fora ambígua.

---

<sup>32</sup> LARIVAILLE. P. *Op. Cit.* Pg. 83.



## A Fonte – La Vita di Castruccio Castracani

### Contexto de Produção

Um dos argumentos sobre o qual inspirou essa pesquisa fora a aparente contradição presente na obra de Maquiavel perante sua percepção sobre os mercenários – e através do desenvolvimento deste estudo, tal contradição tornou-se parte de uma argumentação político que permeou boa parte da produção do autor, notada através da confrontação de informações ofertadas pelo autor em diversas de suas obras. Através de *O Príncipe*, a posição que Maquiavel delega aos mercenários é uma de risco – aqueles que mantêm seus principados através de mercenários; no caso, há mesmo a referência a seus líderes, *condottieri* – arriscam-se a perder o mesmo quando da infiabilidade daqueles que lutam por si:

*Direi, pois, que as armas com as quais um príncipe defende o seu Estado são ou próprias ou mercenárias, ou auxiliares ou mistas. As mercenárias e auxiliares são prejudiciais e perigosas; e se um príncipe fundamenta o seu poder nas armas mercenárias, não o terá jamais sólido nem gozará de segurança, porque os soldados não se lhe afeioam, são ambiciosos, indisciplinados e infiéis, animosos entre os amigos, vis diante do inimigo, e não temem a Deus nem usam de lealdade para com os outros. Com eles a seu serviço, um príncipe só difere a sua ruína na medida em que difere a ação guerreira. Nos tempos de paz é espoliado por eles; na guerra, pelos inimigos. [...] Quero melhor demonstrar o desvalor destas tropas. Os capitães mercenários ou são excelentes militares ou não o são. Se o são, não podes fiar-te deles, pois aspirarão sempre ao engrandecimento próprio, ora hostilizando-te a ti, que és seu amo, ora hostilizando outros que não tens intenção de molestar; mas, se não tem valor, o capitão via de regra te arruinará.<sup>33</sup>*

O argumento contra a figura dos mercenários – guerreiros tão desleais, sanguíneos e coléricos tanto quanto são inconfiáveis e inconstantes se baseia em sua lealdade à moeda. Às riquezas, que muitas vezes, em valor ultrapassam aquele da *condotta*, o contrato pelo qual são estipulados o seu pagamento. São perigosos em tempos de paz e em tempos de guerra, indisciplinados, e os *condottieri* em si também são figuras que vulnerabilizam o principado que os contrata – por suas próprias ambições de líderes de valor, ou pela sua inabilidade militar.

Este primeiro argumento, ferrenhamente contra os mercenários, é cronologicamente um dos primeiros do estilo. No entanto, como será demonstrado, Maquiavel escolhe

---

<sup>33</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Tradução de Antonio D’Elia. São Paulo. Círculo do Livro S.A. Sem data. Capítulo XII, Pg. 88.

posteriormente a figura de um *condottiere*, um líder de tropas mercenárias em específico para encarnar seu príncipe perfeito – Castruccio Castracani. Seria possível uma transformação de perspectiva perante os mercenários? A pesquisa nos revelou que, mais do que uma mudança na maneira de tomar os mercenários, Maquiavel empreende um projeto teórico ao redor da figura do príncipe e da manutenção do estado através de ‘boas leis, e boas armas’ – e no caso da Itália de seu período, aqueles que detêm em si a profissão de armas e as forças de guerreiros dispostos são os *condottieri*.

Em uma situação pouco posterior a apresentação de *La Vita de Castruccio Castracani*, novamente Maquiavel critica aos mercenários, desta vez através da narrativa e análise da Batalha de Anghiari (1440), presente na História de Florença. Após debater como uma guerra levada em territórios alheios é menos danosa ao invador do que ao invadido, Maquiavel comenta o episódio:

*“É este combate, pelo que aconteceu durante e depois dele, um exemplo da grande infelicidade dessas guerras, porque, vencidos os inimigos e encerrado Niccolò no burgo de San Sepolcro, os comissários queriam segui-lo e ali assediá-lo para ter a vitória completa, mas nenhum condottiero nem soldado quis obedecer, dizendo que queriam pôr a salvo o butim e medicar os feridos. E, o que é ainda mais notável, no dia seguinte, ao meio-dia, sem permissão nem respeito algum de comissário ou capitão, foram até Arezzo, ali deixaram o butim e retornaram a Anghiari: coisa tão contrária a qualquer louvável ordem e disciplina militar que uma sobra qualquer de exército organizado tinham fácil e merecidamente podido tirar-lhes a vitória que haviam imerecidamente conquistado.”<sup>34</sup>*

Dado que a História de Florença fora apresentada posteriormente a *La Vita di Castruccio Castracani*, teria Maquiavel sofrido uma ‘recaída’ em sua perspectiva sobre os mercenários como guerreiros desleais preocupados de tal maneira com os próprios ganhos a ponto de arriscarem toda uma campanha militar, e assim, os destinos de seus empregadores? Mais possível seria a adaptação de seu discurso durante a escrita sobre Castruccio Castracani do que a flutuação de seus humores – sua narrativa e seu discurso são sempre condizentes com os ideais que professa perante tanto a Arte da Guerra, quanto dos principados e da maneira de manutenção dos mesmos por seus governantes. Há uma coerência intrínseca à

---

<sup>34</sup> MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença*. Original *Istorie Fiorentine*, de Niccolò Machiavelli in *Opere di Niccolò Machiavelli*, Volume Secondo. Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1971, Torino. Tradução de Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora, 1998. Livro V, Pg. 273. O episódio haveria ocorrido entre Niccolò Piccinino (ou Piccino), *condottiere* liderando tropas milanesas, contra Micheletto Attendolo, *condottiere* liderando forças florentinas. Após vencerem aos milaneses e acuaem Piccinino na vila de Anghiari, os mercenários a serviço de Florença abandonam o campo com seu saque, marchando à cidade aliada e segura de Arezzo antes de retomarem a campanha – quando Piccinino já escapara de Anghiari com sua hoste enfraquecida.

todas estas obras – e as razões para esta flutuação de perspectivas se revelou através da pesquisa: não uma flutuação como primeiro aparentaria ao leitor de sua obra, mas uma construção deliberada de um personagem dentre aqueles aptos ao Principado de excelência segundo as prerrogativas e características do próprio autor.

A popularidade da obra de Maquiavel, por vezes, é também seu infortúnio. Seu nome é conhecido principalmente através do nefasto adjetivo criado de seu nome, o termo ‘maquiavélico’<sup>35</sup>, o qual é utilizado comumente para descrever situações e atitudes imorais, um reflexo da interpretação de sua pragmática demonstrada na obra mais conhecida e citada do autor – O Príncipe. Dado o juízo de valor inerente a essa acepção da obra de Maquiavel, e também com a finalidade de buscar uma maior compreensão de sua complexa teoria política, encontramos na obra ‘La Vita di Castruccio Castracani da Lucca’ mais uma obra aonde o autor explora, define, e utiliza-se da História para criar um ‘tipo excelente’ de seu governante perfeito criado em O Príncipe.

Sobre a crítica à moralidade de Maquiavel – ou a sua ausência – em sua obra política, é necessário notar que muito logo ‘O Príncipe’ seria condenado ao *Index Librorum Prohibitorum*, ao conjunto dos livros de leitura condenada e proibida pela Igreja, em 1559<sup>36</sup>. No entanto, tal proibição é muito posterior tanto à publicação de suas obras, tanto de sua morte, em 1527. A atitude de sua proibição seria parte do processo de recrudescimento da instituição eclesiástica, do retorno a valores de uma moralidade cristã ‘tradicional’ – a Contra-Reforma, o fenômeno de reação da Igreja Católica perante a Reforma Protestante anteriormente protagonizada por Martinho Lutero, tradicionalmente iniciada com as 95 Teses, preparadas em 1517. Muitos outros autores, principalmente oriundos de grupos protestantes, farão de Maquiavel um grande inimigo, um vilão a serviço do Diabo – ‘Old Nick’ é ainda o tratamento dado ao Diabo, uma referência a Maquiavel explorada e propagada por Shakespeare. Christopher Marlowe também faria referências ao autor em suas peças de teatro, como um narrador consciente da situação humana e de seus desejos<sup>37</sup>.

No entanto, não é objetivo desse estudo explorar as repercussões da proibição de Maquiavel – apenas demonstrar que a moralidade cristã vigente nos círculos cortesãos os quais o autor será forçado a frequentar para sua sobrevivência não apenas aceita sua

<sup>35</sup> BUARQUE DE HOLANDA F. Aurélio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira S.A.; Rio de Janeiro 1985. “**Maquiavélico**. Adj. [...] 2. Fig. Que tem, ou em que há perfídia, dolo, má fé; astuto, ardiso.”

<sup>36</sup> [GRENDLER, Paul F. "Printing and censorship" in \*The Cambridge History of Renaissance Philosophy\*, SCHMIDT, Charles B, ed. \(Cambridge University Press, 1988, ISBN 978-0-52139748-3\) pp. 45-46](#)

<sup>37</sup> MASTERS. R. Op. Cit. Págs. 192-193. Masters dedica um capítulo inteiro de sua obra a confrontar e analisar as repercussões da leitura de Maquiavel através de autores reformistas, iluministas, e mesmo outros filósofos da política.

perspectiva, como também a celebra. Sua análise é bem recebida, sua escrita é encomendada e lida por participantes do jogo político itálico – membros da aristocracia cidadina assim como da própria Igreja.

A obra selecionada para abordagem fora fruto da complicada situação pessoal de Maquiavel após seu ostracismo de sua vida pública em Florença. Um homem de letras, e certamente um erudito cuja perspectiva sobre a História fora tomá-la como não apenas um exemplo de conduto e aconselhamento, mas também um Passado sobre o qual os homens de seu Presente poderiam construir um Futuro sobre; o retorno dos Médici ao poder não fora propício. Homem de confiança do gonfaloniere<sup>38</sup> Piero Soderini; Maquiavel receberia, em 1506, a função da organização da milícia florentina – das forças armadas da República, compostas principalmente, através de sua intervenção, de cidadãos de Florença, de camponeses do *contado* da cidade, assim como com a participação de *condottieri* como líderes, instrutores e treinadores. Inspirado na leitura de Políbio, Tito Lívio e Vegécio, esse empreendimento seria a base da experiência através da qual posteriormente Maquiavel sugeriria aos governantes, aos príncipes, o uso de forças armadas próprias<sup>39</sup>. [críticas à Maquiavel guerreiro, Giovanni delle Bande Nere]

Em 1512, durante a Guerra da Liga de Cambrai, a ordenança da milícia de Maquiavel sofre seu derradeiro teste contra o exército espanhol reunido por Júlio II, o *Papa Guerreiro*, e pelo Rei de Aragão, Fernando o Católico; em uma campanha conjunta. A milícia florentina debanda perante os espanhóis, e o saque de Prato – o ‘desastre’ do sistema de recrutamento e de ordenança de Maquiavel culminaria no retorno dos Médici aliados ao Papado, expulsos da cidade desde as sublevações de Girolamo Savonarola em 1494.

O retorno dos Médici graças a intervenção espanhola, assim como a deposição e exílio de Soderini logo repercutiriam sobre o próprio Maquiavel. Acusado de uma conjura<sup>40</sup> não

---

<sup>38</sup> Cargo Executivo/Administrativo superior na República Florentina, essencialmente líder político e militar republicano. Soderini seria posteriormente criticado por Maquiavel em algumas situações exploradas por Masters e Larivaille.

<sup>39</sup> LARIVAILLE. P. *Op. Cit.* Pg. 84 “Quando Maquiavel aconselha príncipes e repúblicas a evitar tanto a utilização de tropas mercenárias quanto o recurso, perigoso para sua independência, a exércitos aliados e lhes recomenda insistentemente constituir um exército recrutado exclusivamente entre os seus súditos, ele assim discorre com base na experiência, já que ele mesmo foi encarregado, a partir de 1506, do recrutamento de uma milícia florentina. Na verdade, a idéia não é nova na época, nem mesmo em Florença, onde um partidário de Savonarola já havia, no final do século XV, proposto criar um exército composto de camponeses e cidadãos. [...] A novidade da reforma a qual se liga o nome de Maquiavel decorre da vontade de recrutar não mais algumas tropas mais ou menos auxiliares, mas uma milícia nacional permanente de autênticos combatentes.” Os conselhos aos quais Larivaille se refere também são aqueles para se evitar contar apenas com a lealdade dos mercenários. No entanto, o autor também menciona que, dado a necessidade de liderança especializada no ofício das armas para o treinamento dessa milícia, Maquiavel se utilizaria de *condottieri* para preparar essa milícia.

<sup>40</sup> MASTERS, *Op. Cit.* Pg 166. Conjura esta descrita pelo autor, demonstrando indícios para a remoção de Maquiavel – não apenas como um funcionário ligado ao regime republicano em processo de desagregação com o

comprovada, seria capturado, torturado, e enfim exilado de Florença – o golpe mais duro, sua ostracização política. Maquiavel fora um personagem treinado para vida pública, e seus anos mais felizes, dado suas obras e principalmente suas cartas, seriam aqueles como Secretário da Segunda Chancelaria<sup>41</sup>.

Retirando-se para San Casciano, a uma propriedade rural herdada de sua família, Maquiavel dedica-se a escrever suas mais diversas obras, suas correspondências para com amigos remanescentes nas cortes do poder – em Florença e em Roma. É conhecimento geral que a dedicatória em seu tratado da manutenção do governo, *O Príncipe*, fora endereçado em 1513, a Lorenzo di Piero de Medici; ainda que não houvesse surtido grande repercussão no momento. Sua oferta, na qual sugeria ao então Senhor de Florença sua experiência política para aconselhamento, fora ignorada.

Seu relacionamento para com os Medici é gradualmente recuperado através dos anos de exílio, e sua aproximação quase constante demonstra uma grande esperança da parte do literato em conseguir um novo ‘emprego’, uma função que complementasse a renda de sua pequena propriedade, ou mesmo uma ocupação política. De fato, a presença de Maquiavel em Florença é mesmo permitida, reabilitada, ainda que não pudesse ter seu nome inserido às *borse* que determinavam os caditados à eleição de magistraturas. Em 1518, prepara sua conhecida peça de teatro ‘*A Mandrágora*’ para o casamento de Lorenzino de Medici; ainda que sua publicação somente ocorresse em 1524, e sua primeira exibição pública em 1526 – celebrando Maquiavel como um dramaturgo de sucesso. É durante este processo, buscando pelo favor dos Medici, que a fonte analisada será composta.

Ora, o retorno à vida florentina nutria em Maquiavel o desejo do retorno à espaços do poder, principalmente em busca de grupos de sociabilidade que partilhassem de seus interesses no debate sobre a política, história, e o ofício de armas. E um grupo o receberia – nos chamados *Orti Oricellari*, os jardins da família de Cosimo Rucellai, Maquiavel será bem

---

retorno dos Medici ao poder. Embora em 1513 os Medici ainda não objetivassem a completa transformação da República de Florença em um Ducado – tal fato só ocorreria em 1532 com um novo retorno da família ao poder com Alessandro de Medici, Duque de Florença. O método de governo através de influências sobre as eleições e magistraturas adotadas em 1513 fora similares aquele criado por Cosimo de Medici e mantido por Piero II Gottoso e Lorenzo O Magnífico através do século XV.

<sup>41</sup> MASTERS, *Op. Cit.* Pg 155. “Nos seis anos seguintes, Niccolò iria superar muitos obstáculos, criar uma milícia de cidadãos que acabaria tomando Pisa, desempenhar um papel central na política exterior florentina – e depois perder o cargo em 1512, quando exércitos espanhóis derrotaram a república, Soderini foi banido e os Medici retornaram ao poder. Torturado como conspirador potencial não muito tempo depois, Niccolò procurou obstinadamente obter um cargo dos Medici, finalmente conseguiu e começou a desempenhar de novo um papel político – somente para perder tudo quando, em 1527, os Medici foram substituídos por um regime republicano de breve existência. Deprimido, Niccolò morreu passados apenas poucos dias dessa última decepção. Esses repetidos infortúnios tiveram um resultado paradoxal. Privado do poder político, Niccolò foi obrigado a se valer de sua formação como poeta e literato. Tornou-se, como que assinalou em uma carta perto do fim de sua vida, “Niccolò Maquiavel, historiador, comediógrafo e tragediógrafo.”

vindo, sua experiência respeitada e celebrada, por personagens relativamente mais jovens do que ele próprio. Também eruditos leitores de autores clássicos, educados no Humanismo Cívico que também formava Maquiavel. Nesse grupo de sociabilidade cortesã, herdeiro da Academia Neoplatônica de Marsílio Ficino<sup>42</sup>, Maquiavel entraria em contato com alguns expoentes do Humanismo florentino – dentre eles, o poeta e diplomata Luigi Alamanni, Cosimo Rucellai, e Zanobi Buondelmonti. Outros vínculos surgidos desse ambiente seriam Francesco Vettori e Francesco Guicciardini, o primeiro seu correspondente sobre política, e o segundo, um pupilo perante a escrita histórica de Maquiavel.

Em 1520, Maquiavel viajara a cidade de Lucca. Regida ainda por um regime republicano independente, o erudito fora a cidade a trabalho – para executar um caso de falência, uma das atribuições que sua formação lhe permitia exercitar. Dessa viagem, surgiriam duas obras de sua pena – o ‘Discurso sobre as coisas do governo de Lucca’; uma análise sobre a estrutura da república, comparando-a em diversos aspectos para com o estado que Maquiavel conhecera em Florença; e ‘A Vida de Castruccio Castracani’.

Essa composição não seria fruto do acaso. Zanobi Buondelmonti, em suas cartas à Maquiavel, teria comentado para com o então Cardeal Giulio de Medici de sua proficiência literária, uma vez que nos Orti Oricellari, Maquiavel haveria recitado seus *Discorsi sopra Secunda Deca di Tito Livio*, assim como também os *Discorsi sopra l’Arte della Guerra* (A Arte da Guerra), obra que completou perante sugestões e elogios de seus pares<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Mais do que uma instituição de fato, o grupo considerou-se uma reconstrução da Academia de Platão, cujos debates e discussões exploravam gramática e retórica latina, política, e sua herança clássica. Originalmente mantida por Cosimo de Medici e por Lorenzo ‘O Magnífico’, com a morte do último o grupo de eruditos que compunham a Academia Florentina migrariam do mecenato mediceu para a proteção de Bernardo Rucellai, cunhado do Magnífico; assim abandonando a Villa Medici de Careggi pelos Orti Oricellari. A partir desse evento, as idéias em debates tomariam, em suas manifestações em prol de um republicanismo clássico, um teor anti-Medici – contra a senhoria desses grupos oligárquicos que controlavam a política da cidade, culminando na conjura de alguns de seus membros contra o então cardeal Giulio de Medici, futuro Clemente VII. Luigi Alamanni e Zanobi Buondelmonti estariam envolvidos nessa conspiração.

<sup>43</sup> MASTERS, *Op. Cit.* Pg 175. “A essa altura, surgiram finalmente perspectivas de um emprego junto aos Medici, embora como escritor e não como conselheiro político. Em abril de 1520, um membro da ‘turma’ dos jardins Rucellai escreveu de Roma que o papa ‘estava muito bem disposto em relação a ti’ e ‘ficará muito satisfeito’ se sua ‘boa vontade... para com teus desejos fosse doravante efetivar-se... Isso diz respeito a incumbir-te de algum escrito ou alguma outra coisa’. Como a comunicação dessa mensagem ao cardeal Giulio em Florença fora ‘autorizada’ pelo próprio papa Leão, Niccolò levou-a a sério. Outra missão comercial, novamente para liquidar um caso de falência, enviou Niccolò para Lucca, onde ele escreveu um ensaio sobre a situação política da cidade (‘Um sumário dos negócios na cidade de Lucca’) e a *Vida de Castruccio Castracani*. Este último texto pretendia ser um ‘modelo de uma história’ que ele poderia escrever sob encomenda para os Medici.” & Pg 227. “[...] Zanobi Buondelmonte escreveu a Niccolò em Lucca, partilhando os elogios de vários de seus amigos a *Vida de Castruccio Castracani*, chamando-a de ‘esse seu modelo de uma história’ e instando-o a retornar para poder discutir com Battista della Palla aquela ‘nossa idéia de que tens conhecimento’ de escrever uma história de Florença (Zanobi Buondelmonte a NM. 6 de setembro de 1520. *Machiavelli and His Friends* #263, pp.328-29)”.

Maquiavel costumara apresentar e declamar partes de suas obras em composição à seus pares eruditos nos Orti Oricellari. E é possível que, dentre esses, a palavra sobre sua proficiência como um escritor e mesmo como um historiador se disseminasse – afinal, as redes de sociabilidade dessa sociedade cortesã extrapolavam fronteiras políticas, quando não geográficas da Toscana. E assim, no mesmo ano, o autor receberia a encomenda oficial da História de Florença de Giulio de Medici; personagem com o qual sua aproximação para com os Médici levaria a sua maior fama, mesmo ainda em seu próprio tempo. Assim, *La Vita di Castruccio Castracani da Lucca* seria um exercício de sua prática historiográfica perante seus pares, e perante seu provável, e posteriormente efetivo, mecenas.

A obra, mais do que um trabalho dedicado de História, fora reconhecido como um exercício de composição deliberado de um personagem ideal, segundo os preceitos de Maquiavel para um príncipe perfeito. Legitimado pela História além, é claro, de sua seleção, Castruccio Castracani (1281-1328) fora um personagem reconhecível para o escritor<sup>44</sup>, assim como para seus leitores – um príncipe toscano, oriundo da cidade de Lucca; vizinha a Florença. Mesmo no princípio do século XVI, Lucca ainda logrou conservar-se como uma República independente em uma Toscana majoritariamente submetida à República Florentina. É em Lucca que Maquiavel encontrará um personagem histórico de um período relativamente remoto, e assim passível de sua manipulação, de sua transformação, de sua prática de usos do passado facilmente reconhecível – o Castruccio Castracani de Lucca é muito diferente daquele relatado por outros historiadores medievais<sup>45</sup>. Maquiavel altera fatos, transforma conquistas, cria batalhas e eventos para consolidar na figura de Castracani um Príncipe de excelência, perfeito perante suas próprias perspectivas a respeito; em um passado comum aos toscanos.

A adoção de um personagem relativamente esquecido cuja história de fato o confrontara contra a República de Florença não é inconsequente, mas deliberada: Castruccio Castracani, líder gibelino na Toscana, não apenas combatera a Florença guelfa, como também

---

<sup>44</sup> SKINNER, Quentin. *Op. Cit.* Pg. 45. “A difusão do que Sismondi chamou ‘essa brilhante chama de liberdade’, por todas as cidades-repúblicas italianas, infelizmente não passou de um espetáculo de curta duração (Sismondi, 1826, vol.3, p. 245). Em fins do século XIII a maior parte dessas cidades fora a tal ponto cindida por suas facções internas que elas se viram forçadas a abandonar as constituições republicanas e a aceitar o poder forte de um único *signore*, passando assim de uma forma de governo livre para outra despótica, a fim de atingir maior paz cívica.” De acordo com a historiografia que nutre as perspectivas de Skinner, Castracani seria um tirano típico do ambiente itálico no princípio do século XIV – uma figura oriunda da burguesia de Lucca e cuja proficiência na arte militar, como um *condottiere* de sucesso, levaria a sua aclamação como *Signore* da cidade.

<sup>45</sup> Como nos sugere Sérgio Bath, IN. *A Arte da Guerra e Outros Ensaio*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. “[...] (não há dúvida de que Maquiavel conhecia a *Vita di Castruccio* de Niccolo Tegrini – esta sim uma biografia veraz – seguindo-a quando não lhe parecia necessário alterar a história para amoldá-la aos objetivos didáticos de sua ‘fantasia’).”

a venceria em batalha. O autor não oferece datas específicas para os acontecimentos relatados – não existem anos em que os fatos que comenta teriam se passado, fator que colabora em complicar à crítica e separação de situações inseridas e criadas por Maquiavel daquelas de fato ‘históricas’, dos eventos retirados de outras leituras biográficas sobre Castruccio Castracane. Mesmo entre os literatos e eruditos, a figura era conhecida senão lembrada, mas não tão importante a ponto de que os argumentos e transformações cometidos por Maquiavel pudessem ser claramente confrontados e disputados em público. Além do argumento em prol de uma reanimação da dignidade itálica já apresentada no encerramento de *O Príncipe* – não apenas mais príncipes como Castruccio seriam necessários para restaurar o vigor dos italianos perante as invasões estrangeiras, mas também demonstrar como, no passado, Florença também sofrera em mãos ‘estrangeiras’.

O sucesso da obra, no entanto, deve ser analisado em termos dos objetivos de seu autor, mais do que sua efetiva leitura. Dado que a publicação de fato remonta, nas fontes analisadas, a 1530 – dois anos após o falecimento de Maquiavel – não conhecemos sua própria opinião a respeito do impacto e da receptividade de *La Vita di Castruccio Castracani da Lucca*. No entanto, sabemos que de fato Giulio de Médici encomendaria consigo a composição da História de Florença, que seria terminada apenas 4 anos mais tarde, e apresentada ao comissionador da obra quando o mesmo já fora eleito papa, Clemente VII. Dado que a obra seria esse exercício de escrita de história, e posteriormente Maquiavel conseguiria assim um trabalho como historiador – de uma obra de história oficial de Florença, ainda que uma elegia à Casa de Medici – o primeiro objetivo de *La Vita* fora um sucesso.



## 2 - A Fonte – La Vita di Castruccio Castracani

### Análise da Obra

A obra é iniciada com uma dedicatória a Luigi Alamanni e a Zanobi Buondelmonti, tratados por Maquiavel como seus grandes amigos. Em seus primeiros parágrafos, de fato, o autor explica não apenas os objetivos de sua obra, assim como os motivos pela escolha de Castruccio Castracani como seu protagonista. Diz-nos Maquiavel:

*Pare, Zanobi et Luigi carissimi à quelli, che la considerano cosa meravigliosa, che tutti coloro, o la maggiore parte ai essi che hanno in questo modo operato grandissime cose e intra gl'altri della loro eta siano stati eccellenti, habbiano havuto il principio, e nascimento loro basso, e osscuro, ò vero dalla fortuna, fuora di ogni modo travagliato. Perche tutti, o ei sono stati esposti alle fiere, ò eglino hanno havuto fi vile padre che vergoniatisi di quello si sono fatti figliuoli di Giove, o di qualche altro Dio. [...] Credo bene che questonasca che volendo la fortuna di mostrare al'mondo di essere quella che faccia li huomini grandi, e non la Prudentia comincia a dimostrare le sue forze in tempo che la Prudentia non ci possa havere alcuna parte, anzi da lei si habbia a riconoscere il tutto.*<sup>46</sup> [La Vita di Castruccio Castracani da Lucca; a partir desse momento referida como *La Vita*; pg. 36]

Nesse seu trecho introdutório, o primeiro parágrafo de *La Vita*, Maquiavel expõe não apenas o que sua obra será um relato de um homem cujos grandes feitos atestam seu valor, assim como sua concepção de Fortuna. A Fortuna, abordada através de um fatalismo quase pagão, é o fator que Maquiavel considera intrínseco à condição do Homem – e mesmo de sua própria situação. Por mais preparado que possa tornar-se, por mais dotado da *virtù* que o seja, é ainda a Fortuna que rege os destinos dos homens. Há também nesse pequeno extrato uma referência à preferencia de Maquiavel à pró-atividade: mais do que a Prudência – uma virtude clássica e mesmo medieval pregada tanto a governantes quanto a súditos, é a Fortuna quem dita tanto a grandeza quanto o desastre aos homens. A Prudência se revela sujeita assim aos desígnos da Fortuna, mas Maquiavel observa uma maneira de resistir à seus ímpetos – a preparação, e a oportunidade. Aquele dotado da *virtù* como imaginada pelo autor seria, segundo o mesmo, mais apto à ‘tomar a Fortuna’, e assim, aproveitar-se das oportunidades

---

<sup>46</sup> MAQUIAVEL. Nicolau. *A Arte da Guerra e Outros Ensaios*. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. Pg 41. Na tradução de Sérgio Bath: “Caríssimos amigos: os que refletem sobre o assunto se maravilham de que todos – ou quase todos – que realizaram grandes feitos neste mundo, fazendo-se notar dentre seus contemporâneos, tiveram origem obscura e humilde, tendo sido submetidos pela sorte a todo tipo de provações. Ou estiveram expostos às feras ou seus genitores foram tão vis que a vergonha os levou a tomar como pai a Júpiter ou alguma outra divindade. [...] Estou convencido de que a sorte, para demonstrar que é ela que dá grandeza aos homens, e não a prudência, começa a exhibir sua força antes de que esta última tenha ocasião de revelar a sua, de modo que se lhe reconheça o maior poder.”

apresentadas por si. Enquanto a *virtù* é controlável – através da disciplina, da educação humanística, das lições dos autores clássicos e da experiência de vida – a Fortuna é ditada pelo acaso. Trata-se de um conflito entre os recursos sobre os quais os homens têm controle e os eventos sobre os quais não tem controle algum. [A Fortuna é como um Rio]

E de fato, Castruccio Castracani degli Antelminelli se mostrará na obra de Maquiavel não apenas um personagem dotado de sua *virtù* guerreira, de astúcia, mas também um oportunista audaz e político habilidoso, que se utiliza da Fortuna e das oportunidades que a mesma lhe oferece com uma destreza com a qual atingirá a grandeza. Castruccio é o Herói<sup>47</sup> de Maquiavel, encontrado em sua própria História.

Um segundo aspecto que surge também através desse extrato é a própria condição social de Maquiavel, e sua extração. Sua origem também se reflete no argumento de que personagens protagonistas de grandes feitos são, por muitas vezes, de origens das mais humildes e desconhecidas. De fato, esse não é apenas seu próprio caso – filho de uma camada média urbana, instruído através da tradição humanista da *Ars Dictaminis* e através de sua própria *virtù* atingindo uma magistratura de grande influência política, mas também seria o caso de seu protagonista – Castruccio Castracani. O tirano histórico fora também oriundo da burguesia de Lucca – os Castracani foram banqueiros influentes na Lucca de finais do século XIII, e o próprio Castruccio teria operado as mesas que câmbio em sua juventude antes de seu treinamento na arte da guerra<sup>48</sup>. Ora, todos estes detalhes sobre uma extração burguesa típica são suprimidos da leitura de Maquiavel, mas informações sobre as quais o autor talvez obtivesse informações em sua leitura de Niccolo Tegrini – porém, não condizentes com seu discurso, com o objetivo de institucionalizar a sua perspectiva de um Príncipe perfeito.

O segundo parágrafo da narrativa explicita seus objetivos de maneira mais sólida, principalmente no referente à escolha do personagem Castruccio – além de revelar as perspectivas de Maquiavel perante a História que se propõe escrever, por mais que repleta de alterações e interpolações, manipulada dado seus próprios objetivos:

---

<sup>47</sup> De fato, é o que defende Peter Bondanella em *Castruccio Castracani: Machiavelli's Archetypal Prince*. Italice, Vol. 49, No. 3, 1972. Sua análise tem ênfase em aspectos literários da composição, no entanto, e alguns silêncios sobre algumas situações e passagens da fonte.

<sup>48</sup> BLOMQUIST, Thomas W. *The Castracani Family of Thirteenth-Century Lucca*. Speculum, Vol. 46, No. 3, 1971. O estudo prosopográfico de Thomas Blomquist é fundamental para a compreensão do aspecto ‘ficcional’ da biografia de Castracani escrita por Maquiavel, dado que Blomquist resgata a linhagem da qual Castruccio se inserira como um grupo de relativa prosperidade econômica assim como influência política em Lucca. O autor mesmo sugere que Castruccio utilizaria-se do nome Antelminelli posteriormente a seu retorno à cidade, e assim, vinculando-se à uma família aristocrática do patriciado mais antigo de Lucca, buscando uma aliança sólida na República sobre a qual se tornaria *Signore*.

*Fu adunque Castruccio Castracani da Lucca, uno di quelli, il quale, secondo i tempi ne' quali visse, e la Città donde nacque fese cose grandissime, e come li altri non hebbe piu felice, ne più noto nascimento come nel' ragionare del' corso della sua vita s'intendera la quale mi è parlo ridurre alla memoria delli huomini, parendomi haver' trovato in essa molte cose e quanto alla Virtù e quanto alla Fortuna di grandissimo essemplio. Et mi e parso indicarla a uci come a quelli che più che altrihuomini, che io conosco delle attioni virtuose ui dilettrate.*<sup>49</sup> [La Vita, pg. 36]

Surgido de um espaço desconhecido, carente de uma linhagem – uma interpolação de Maquiavel sobre o personagem histórico – o Castruccio Castracani criado se torna um exemplo. A argumentação do autor é clara: seu objetivo com essa biografia é registrar para a memória dos homens um personagem cuja trajetória é, em suas palavras, “[...] *quanto alla Virtù e quanto alla Fortuna di grandissimo essemplio.*” Um grande exemplo, tanto da ação da *virtù* quanto das influências da Fortuna. Ora, assim, a obra se torna um argumento histórico da perspectiva política de Maquiavel, das relações de poder que regem sua teoria política.

A referência direta à seus companheiros de debate nos Orti Oricellari é em si importante – demonstra o círculo de sociabilidades no qual o autor transitou, principalmente após seu exílio político. Luigi Alamanni e Zanobi Buondelmonti - a quem o texto é endereçado dado que seu conteúdo, segundo Maquiavel, lhes seria de grande interesse - também são personagens de outras obras do literato florentino. Ambos são personagens intervenientes nos *Discorsi sopra L'Arte della Guerra*, também escritos por Maquiavel, aonde traçam um diálogo platônico com Cosimo Rucellai e com o *condottiere* Fabrizio Colonna<sup>50</sup> sobre as melhores técnicas e inspirações para a condução da guerra.

A partir da delimitação de seus objetivos e perspectivas, Maquiavel passa a narrar sua ‘fantasia’, como a narrar uma história. A biografia de Castruccio é iniciada por uma descrição da família Castracani – pertencente à nobreza de Lucca. O autor narra progressivamente o ‘surgimento’ de Castruccio: messere Antonio Castracani fora cônego da igreja de San

---

<sup>49</sup> MAQUIAVEL. Nicolau. *Op. Cit.* Pg 41. “O nome de Castruccio Castracani consta dessa relação: seus feitos tiveram grande importância, considerandos-e a época e o lugar em que viveu; como as outras personagens que nos interessam aqui, não teve nascimento feliz ou ilustre, o que se verá na narrativa de sua vida – que quis registrar, para benefício da memória dos homens, por haver nela encontrado muitos exemplos extraordinários da ação do valor e da sorte. Pareceu-me apropriado endereçá-la a vós que, de todas as pessoas que conheço, sois as que mais se interessam pelos atos valorosos.”

<sup>50</sup> Tanto Fabrizio Colonna quanto Cosimo Rucellai teriam falecido no ano da apresentação da obra (1520), anteriormente da finalização da mesma. Cosimo, assim como Luigi e Zanobi, frequentava os jardins de sua própria família nas reuniões desse grupo cortesão. Quanto a Fabrizio, o *condottiere* fala com a autoridade de sua própria carreira, assim como de sua experiência em conduzir uma hoste. O falecimento de ambos os impediria de contradizer ao escritor, que em si não se apresenta como personagem nos debates dos *Discorsi*.

Michele di Lucca<sup>51</sup>. Sua irmã, Dianora, fora casada com Buonacorso Cennani, mas o mesmo falecera antes do casal gerar filhos, e Dianora passou a morar com o irmão. Messer Antonio possuía um vinhedo, e é nesse vinhedo que, certa manhã, sua irmã encontraria um menino a chorar – que seria então resgatado pela viúva, e criado por ela e por seu irmão. Esse menino seria então batizado como Castruccio. A narrativa de Maquiavel, como observada por Bondanella, o transforma em um personagem ‘singular’ já desde seu princípio – Castruccio não ‘nasce’ na narrativa, não é vinculado aos Castracani de maneira imediata, mas é um ‘enjeitado’, um órfão resgatado pela benevolência de Dianora. O esforço de tornar Castruccio um personagem de origens misteriosas, senão inglórias, é evidente.

Messer Antonio, piedoso e surpreso com o resgate da criança por sua irmã, dedica-se com Dianora a criá-lo. A narrativa passa então a dedicar-se a juventude do personagem, construindo assim um Castruccio já predisposto à excelência e a glória futura:

*Cresceva in Castruccio con li anni la gratia, e in ogni cosa dimostrava ingegno, e prudenza, e presto secondo la età imparo quelle cose a che da Messer Antonio era indirizato, il quale disegnando di farlo benesitii, secondo tale fine lo ammaestrava. Ma haveva trovato soggetto a l'animo sacerdotale al tutto dissorme perche come prima Castruccio pervenne alla età di .XIII. anni, e che incominciò à pigliar' un' poco di animo sopra a Messer' Antonio e Madonna Dianora, e non gli temer punto, lasciati i libri Ecclesiastici da parte, cominciò à trattare l'armi, ne di altro si diletta che o di maneggiare quelle, o con li altri suvi equali correre, saltare; far' alle braccia, e simili esercitii, dove ei mostrava virtù di anima e di corpo grandissima, e di lunga tutti li altri della sua età superava, e se pure ei leggeva alcuna volta, altre lettioni non li piacevono che quelle che di guerre ò, di cose fatte de grandissimi huomini ragionassino. Per la qual' cosa Messer Antonio ne riportava dolore e noia inestimabile.<sup>52</sup> [La Vita, pg 37]*

Criado por um eclesiástico que esperava tornar Castruccio herdeiro de suas funções e privilégios, Antonio o ensina as letras. Mas logo Castruccio ‘perde’ o medo que nutria por seus pais, e o interesse pelas aulas e instruções. No entanto, se interessa logo pelo ofício das

<sup>51</sup> BLOMQUIST, Thomas W. *Op. Cit.* Blomquist observa que é perante esta igreja que os Castracani burgueses ignorados por Maquiavel mantinham suas mesas de negócio com os demais banqueiros da cidade.

<sup>52</sup> MAQUIAVEL. Nicolau. *Op. Cit.* Pg 42. “Castruccio cresceu graciosamente, demonstrando sempre engenho e prudência e aprendendo tudo o que lhe ensinava Messer Antônio. Este, querendo fazê-lo sacerdote, para que mais tarde pudesse transferir-lhe suas funções e seus privilégios, encaminhou-o para tal fim. Mas Castruccio não se inclinava espontaneamente para a vida sacerdotal; aos quatorze anos, quando pôde manifestar sua tendência natural, começou a demonstrar interesse pela carreira das armas. Vivia a exercitar-se, correndo e treinando com os companheiros de mesma idade, que excedia amplamente em vigor físico e disposição marcial. Quando estudava, só lhe interessavam as lições relacionadas a guerra e com os feitos de grandes homens. Tudo isso causava enorme dor e tristeza a Messer Antônio.” A versão traduzida do extrato selecionado na fonte fora evidentemente reduzida.

armas – e exercita-se para tanto com os rapazes de sua idade. Prova-se mais apto, forte e habilidoso que todos os demais jovens de Lucca, mostrando-se de grande ‘*virtù di anima e di corpo grandissima*’. Abandona os livros, apenas se interessando por aqueles que relatam os feitos dos grandes homens, assim como os dedicados à guerra – uma predisposição quase orgânica do jovem Castruccio ao ofício das armas, e a carreira como um *condottieri*. Esse interesse natural guia as ações do jovem, evidenciando sua iminência.

Maquiavel então introduz um novo personagem à narrativa – Francesco Guinigi. Um personagem também em si extraordinário, o qual sobressaía dentre os demais cidadãos de Lucca:

*Era nella Città di Lucca uno gentil’huomo della famiglia Guinigi chiamato Messer Francesco il quale per ricchezza, per gratia, e per virtù passava di lunga tutti li altri Lucchesi, lo esercitio del’quale era la guerra, e sotto i Visconti di Milano haveva lungamente militato.*<sup>53</sup>  
[*La Vita*, pg 37]

Um guerreiro profissional, estimado pelos seus por ser Gibelino e por haver combatido por long tempo pelos Visconti de Milão. Aqui a narrativa nos oferece um indício da profissão de Guinigi - Francesco Guinigi era um *condottiere*, que estivera em campanha na Lombardia, e agora tornava a sua terra natal<sup>54</sup>. Ao conversar com outros cidadãos sob a Loggia del Podestà, o jovem Castruccio surpreendeu o mercenário ao imitar, com seus jovens companheiros, exercícios militares. Curioso, Maquiavel narra como Guinigi sentira-se intrigado com a liderança natural que Castruccio exercia sobre os demais. Investigando quem seria o rapaz, Guinigi interpola ao jovem Castracane, e juntos conversam. Em um rápido diálogo, Guinigi pergunta ao jovem se preferiria viver na casa de um padre ou a viver com um patrício que lhe ensinasse a cavalgar e a manejar as armas. Animado, Castruccio afirma preferir o segundo.

Juntos, ambos pressionam a Messer Antonio para que Castruccio possa acompanhar Francesco Guinigi em suas campanhas, aonde o *condotteire* poderia protegê-lo além de treiná-lo, ensinando ao jovem o manejo das armas e a condução de homens. Reconhecendo no jovem a impetuosidade e sua natureza belicosa, Antonio Castracane permitiu então seu

---

<sup>53</sup> *Idem*. Pg 42. “Na mesma cidade de Lucca havia então um gentil-homem da família Guinigi chamado Messer Francisco, que sobressaía dentre todos os concidadãos pela riqueza, graça, e valor; era militar de profissão, tendo servido durante um longo período sob as ordens dos Viscondes de Milão.” Aqui Bath comete um equívoco grosseiro ao traduzir o nome da família Visconti, senhores e duques de Milão até meados do século XV, por ‘Viscondes’.

<sup>54</sup> *Idem*. Pg 10. O tradutor sugere que a família Guinigi não fosse influente durante o período de Castracani, mas cujo renome já seria mais evidente durante o período do próprio autor. Assim, a formação de Castracani como guerreiro sob Guinigi se torna uma demonstração da carreira dos *condottieri*.

treinamento, que Maquiavel relata através de suas qualidades físicas no manejo das armas, no cavalgar, e em sua humildade para com seus pares, adorado pela Casa de Guinigi e por toda Lucca:

*Passato per tanto Castruccio di casa Messer' Antonio Castracani Calonaco in casa Messer' Francesco Guinigi condottiero è cosa straordinaria à pensare in quanto brevissimo tempo ei diventò pieno di tutte quelle virtù e costumi che in uno gentil'humano si richieggono. In prima ei si fece uno eccellente cavalcatore, perche ogni ferocissimo cavallo conforma destrezza a maneggiava, ei nelle giostre, et ne torneamenti, ancora che giovinetto era, più che alcuno altre riguardevole, tanto che in ogni actione, ò forte ò destra non trovava huomo che lo superase, a che si aggiugneuono i costumi, dove si vedeza una modestia inestimabile, per che mai non se gli vedeva fare atto ò, sentivasegli dire parola che dispiacessi, e era riverente a i maggiori, modesto con gli equali, e con li inferiori piacevuole, le quali cose lo facevano non solamente da tuta la famiglia de Guinigi ma da tutta la Città di Lucca amare.<sup>55</sup> [La Vita, pg 38]*

A construção da imagem positiva de Castruccio é demonstrada neste trecho em alguns aspectos – o da proficiência guerreira, como um combatente em torneios e justas. Um grande cavaleiro, proficiente na montaria, sobrepujando quaisquer concorrentes. Sua conduta é também parte da criação de um protagonista ‘adorável’ para seus leitores, principalmente dado as situações que serão criadas posteriormente por Maquiavel durante a narrativa. O autor então narra que, ao atingir os 18 anos, Castruccio seguiu com as forças de Guinigi à Lombardia, dado que os Visconti enviaram o *condottiere* à Pavia, a fim de proteger os gibelinos expulsos da cidade. Nessa primeira expedição, Maquiavel cria um reconhecimento à prudência e destaque das funções de responsabilidade delegadas ao jovem mercenário, criando assim sua fama através da Lombardia.

Retornando à Lucca, o autor exorta à Castruccio, a como o personagem é reconhecido por suas qualidades e começa a manter seguidores próprios. A narrativa observa o falecimento de Francesco Guinigi, cujo filho de então 13 anos Pagolo se tornaria um afilhado e protegido de Castracane, que herdaria os bens do *condottiere* e a tutoria de seu filho. Pagolo se tornaria

---

<sup>55</sup> *Idem*. Pg 42-43. “Transferindo-se Castruccio da casa do padre para a do militar, com espantosa rapidez adquiriu todas as qualidades e os hábitos de um verdadeiro gentil-homem. Tornou-se, antes de mais nada, um exímio cavaleiro, dominando com grande destreza os animais mais bravios; embora muito jovem, excedia nas competições todos os concorrentes. Com efeito, nesses exercícios não havia quem o superasse. Além disso, sua conduta era de extraordinária modéstia. Nada do que fazia ou dizia podia ser criticado: comportava-se respeitosamente com relação aos mais velhos, com modéstia para com os iguais e benevolência com os inferiores. Por tudo isso era querido não só pela família Guinigi, mas por toda a cidade de Lucca.” Novamente, observamos uma discrepância entre a versão apresentada pela tradução ao português e do original em italiano. A versão traduzida reprime mais algumas passagens da formação atlética de Castruccio.

posteriormente através da narrativa um seguidor assim como um herdeiro do principado gradativamente composto por Castracane, e através da obra, seu único ‘filho’; embora Castracane legasse, historicamente, no mínimo uma filha. Quaisquer filhos de sangue do personagem são ignorados na narrativa de Maquiavel – seu verdadeiro herdeiro na é Pagolo Guinigi.

No entanto, é também a partir da morte de seu primeiro professor da arte da guerra Francesco Guinigi que os primeiros oponentes de Castruccio começam a surgir através da narrativa. O personagem enfrentará alguns rivais e inimigos, ao mesmo tempo tentando desenvolver seu projeto – sugerido por Maquiavel, da composição de um estado ‘toscano’, de um principado amplo através da região sob seu governo. Tais referências se tornam mais claras em momentos mais tardios da narrativa.

*Morto per tanto Messer' Francesco Guinigi, e rimaso Castruccio governatore, e tutore di Pagolo, accrebbe tanto in riputatione, e potentia che quella gratia che foleva havere in Lucca si converti parte in invidia. Talmente che molti come huomo suspettoso, e che havessi l'animo tirannico lo calunnia. Uono intra i quali il primo era Messer' Giorgio delli Opizi capo della parte Guelfa. Costui sperando per la morte di Messer' Francesco rimanere como Principe di Lucca li parva che Castruccio sendo rimasto in quello governo per la gratia che li davano le sue qualità, gliene havessi tolta ogni occasione, e per questo antava seminando cose che gli togliessino gratia. Di che Castruccio prese prima sdegno, al' quale poco di poi si aggiunse il sospetto. Perche pensava che Messer' Giorgio non poserebbe mai di metterlo in disgratia a'l Vicario del' Re Ruberto di Napoli che lo farebbe cacciare di Lucca<sup>56</sup>. [La Vita, pg 38]*

Maquiavel cria então a perspectiva de uma intriga, contra Castruccio, e cujos medos sugeridos possivelmente não são intervenções do autor, mas narrativas presentes nas crônicas consultadas pelo escritor durante a composição da obra. Giorgio delli Opizi surge como um primeiro contra-modelo – o do difamador, o invejoso, uma figura a qual Maquiavel já advertira contra no Príncipe. O difamador, que espalha rumores, assim como o bajulador, não

---

<sup>56</sup> *Idem*. Pg 43 “Com o falecimento de Messer Francesco Guinigi, tornou-se procurador dos seus bens e tutor de um filho de treze anos que deixara: Pagolo. De tal forma cresceram seu poder e fama que a popularidade de que gozava em Lucca começou a se transformar em parte em inveja; houve quem passasse a caluniá-lo, dizendo-o suspicaz e de ânimo despótico. Desses caluniadores o maior era Messer Jorge, da família Opizi, chefe da facção dos guelfos, que pretendia ser príncipe de Lucca após a morte de Francisco, oportunidade que perdeu para Castruccio, graças a popularidade deste, devido a suas qualidades. Por isso Jorge o difamava. A princípio Castruccio reagiu com desdém, ao qual depois se somou a suspeita. Acreditava-se porém que Messer Jorge não poderia jamais pôr o desafeto em desgraça junto ao representante do rei Roberto de Nápoles - o que ocorreria em Lucca.”

apenas é repleto de mentiras em si, mas também é um corruptor que desinforma o governante – e no caso narrado, o próprio herói de *La Vita*.

O autor então deixa Lucca e introduz um novo personagem à narrativa que será um contra-modelo que partilhará de algumas características de Giorgio delli Opizi. Em Pisa, cidade vizinha à Lucca; narra Maquiavel, era senhor Ugucione della Faggiuola da Arezzo. A princípio um senhor eleito pelos pisanos – possivelmente como Podestà – e então havia se apoderado da cidade. A astúcia de Castruccio é demonstrada através de um plano para retornar exilados luqueses que habitavam Pisa com o auxílio militar de Ugucione, e o qual também expulsaria os Opizi da cidade. A narrativa é longa, e rica em detalhes sobre como a conjura ocorrera, assim como qual tipo de auxílio prestaria Ugucione. Um plano ‘perfeito’, dado que o mesmo tem o sucesso espeariado pelos conspiradores:

*Dato per tanto ordine à quello che dovevano fare, Castruccio cautamente affortifico la torre dei Honesti, e quella riempie di munitione, e di molta vettovaglia per pottere bisognando rmaneresi in quella qualche giorno. E venuta la notte che si era composto com Ugucione, dette il segno à quello, il qualle era scieso nel’ piano con di molta gente intra i monti, e Lucca, e veduto il segno si accostò alla porta San Piero, e misse fuoco nello antiporto. Castruccio dal’altra parte levò il romore chi da mando il Popolo all’arme, e sforzò la porta dalla parte di drento.<sup>57</sup> [La Vita, pg 38]*

O complô relatado por Maquiavel tem grande efetividade – e é em si uma demonstração das qualidades detidas por Castruccio. Sua *virtù* oportunista permite notar em Ugucione della Faggiuola um aliado de ocasião para a eliminação de seus adversários políticos. Os homens de Ugucione, liderados pelo mesmo, conseguem adentrar a cidade através do portão aberto por Castruccio e os seus, e logo, percorrem as ruas, matando a Giorgio delli Opizi e a muitos de seus familiares e partidários, expulsando outros de Lucca. Ugucione, no entanto, teria seus próprios planos – a cidade tomada passa por uma reformulação política segundo os desejos do Senhor de Pisa, expulsando, segundo o autor, mais de 100 famílias da cidade, que se refugiariam cidades dominadas por guelfos – como Florença e Pistóia.

---

<sup>57</sup> *Idem*. Pg 43. “Expedidas as ordens para que fizessem o que deviam, Castruccio fortificou cuidadosamente a torre dos Onesti, acumulando ali munições e mantimentos que permitissem a resistência durante alguns dias. Na noite aprazada, enviou um sinal a Ugucione, que tinh descido com muitos acompanhantes para a planície que medeia entre as montanhas e a cidade de Lucca. Tendo recebido o sinal, Ugucione se aproximou da porta de São Pedro, a cujos contrafortes ateou fogo. De seu lado, Castruccio aos gritos convocou os cidadãos às armas, forçando a porta por dentro.”



A narrativa passa então à reação dos guelfos contra essa expansão gibelina na Toscana – preparando uma grande hoste para a retomada de Lucca. Esse primeiro episódio culminaria na primeira batalha narrada por Maquiavel na epopéia de Castracane, um confronto que não apenas o reafirmaria como um excelente estrategista, como também o desvencilharia da autoridade de Ugucione. A questão será exemplar da condição também explorada na obra *O Príncipe* – dos Principados conquistados com forças de outrém.

## 2.1 - Um Grande Estrategista

Dado que a hoste organizada pelos florentinos avançou sobre o Vale de Nievole sobre Montecatini, Ugucione organizara uma força composta por guerreiros de Lucca, de Pisa, e por mercenários da Lombardia – em especial, Maquiavel evidencia os cavaleiros alemães. Encontrando as hostes umas as outras, e depois de algumas escaramuças entre cavaleiros de ambos os lados, Ugucione se encontrou adoentado, e sua hoste evitou um confronto direto com o inimigo perante a falta de sua liderança direta. A seriedade da doença levaria ao Senhor de Pisa a retirar-se para Montecarlo, deixando suas tropas sob o comando de Castruccio. Então Maquiavel pincela nessa oportunidade mais uma demonstração da engenhosidade do personagem – sabendo os guelfos de que Ugucione se retirara, Castruccio decide reforçar a ilusão de que a hoste dos gibelinos se encontrava fragilizada, insegura dado a falta de liderança, ao ordenar que seus homens não deixassem o acampamento. Aguardando o primeiro movimento por parte dos florentinos, e prometendo a vitória aos seus guerreiros, enfim decide organizar sua ordem de batalha.

A Batalha de Montecatini<sup>58</sup> narrada por Maquiavel é em si mais uma demonstração da perícia guerreira de Castruccio Castracane, assim como de seu senso tático:

*Haveva Castruccio veduto come li nimici havevano messe tutte le loro forze nel' mezo delle schiere, e le genti più deboli nelle corna di quelle, Onde che esse fece il contrario, perche messe nella corna del' suo esercito la più valorosa gente avesse, e nel' mezo quella di meno stima: e uscito de suoi alloggiamenti con questo ordine come prima venne alla vista dello esercito inimico, il quale insolentemente (secondo l'uso) lo veniva a trovare comandò che le squadre del' mezo andassero adagio, e quelle delle corna com presteza sì movessino, tanto che quando venne alle mani con i nimici, le corna sole del mezzo si posavano, perche le genti di mezo di Castruccio erano rimaste tanto indiceto che quelle di mezo delli inimici non le*

---

<sup>58</sup> Em *La Vita* original, alguns dos nomes aparecem em grafias diferentes da convencional atualmente. Montecatini e Montecarlo sendo a convenção enquanto os editores de Maquiavel nos apresentam Monte Catini ou Monte Carlo.

*aggiungevano, e così venivano le più gagliarde genti di Castruccio a combattere con le più debolte degli inimici, e le più gagliarde loro si posavano senza potere offendere quelle havevano allo incontro, ò dare alcuno aiuto ài suoi.*<sup>59</sup> [La Vita, pg 39]

Tal perícia o permite manobrar suas tropas de uma maneira que beneficiasse as hostes gibelinas, e que a falta de uma liderança adequada entre os guelfos, um equivalente a si próprio, levasse a sua derrota. Não apenas combatem aqueles que Castruccio deseja enviar às liças, mas também não combatem aqueles que considera arriscado engajar com a elite das forças inimigas. A disposição do *condottiere* em organizar sua linha e avançar perante ao inimigo que espera por si também é uma alegoria entre a pró-atividade oportuna perante a prudência vulnerável. Através de seus *Discorsi sopra L'Arte della Guerra*, o posicionamento de Maquiavel perante as disposições e a condução de guerreiros à batalha é a de defender sempre as manobras ofensivas<sup>60</sup>, de ditar a maré do combate através de forçar o inimigo à reações precipitadas. E Castruccio seria assim a demonstração do método da guerra de Maquiavel através de um exemplo histórico. Na narrativa, a superioridade das tropas engajadas faz rapidamente a batalha terminar em uma debandada por parte dos florentinos, cujos flancos se desfazem contra os gibelinos e o centro, isolado e agora exposto, também recua sem enfrentar o inimigo.

Com a finalidade de engrandecer os resultados da batalha, Maquiavel nos oferece alguns números duvidosos da destruição e do massacre decorrentes cometidos pela hoste sob o comando de Castruccio – mais de 10 mil homens teriam sido mortos em combate ou durante sua fuga, dentre eles alguns personagens importantes que agora o autor percebe necessário inserir na narrativa, talvez oriundos das crônicas sobre as quais encontrassem referências ao episódio de Montecatini, especialmente napolitanos que teriam marchado em aliança aos

---

<sup>59</sup> *Idem* Pg 44. “Castruccio percebera que o exército inimigo tinha concentrado suas forças na formação central, reunindo os soldados mais fracos nos dois flancos. Deliberou assim fazer o contrário: colocou nas suas alas os combatentes de maior valor e no centro os menos valentes. As tropas deixaram suas posição mantendo essa ordem, e logo que o exército contrário foi avistado (aproximando-se insolentemente como mandava o costume), ordenou que os soldados do centro marchassem mais devagar e os dos flancos se apressassem. Desse modo, no momento do encontro dos dois exércitos só suas alas se engajaram em combate, permanecendo em repouso as fileiras centrais; no exército de Castruccio, os soldados que ocupavam esta última posição tinham ficado tão atrasados em relação aos companheiros que as tropas correspondentes do inimigo não podiam alcança-los. Puseram-se então os mais valorosos de um lado a lutar com os mais fracos do outro lado – cujos valentes não podiam entrar no combate, nem ajudar os companheiros.”

<sup>60</sup> CASSIDY, Ben. *Machiavelli and the Ideology of the Offensive: Gunpowder Weapons in "The Art of War"* The Journal of Military History, Vol. 67, No. 2. 2003. Pg. 387 “As stated above, Machiavelli did not underestimate the use of guns because of their absence in the ancient world. Instead, he gave them a specific role to play based on his contention that an army must always have *offensive* action in mind, or at least be able to seize the initiative at any moment. As it will be shown, the use of guns in the sixteenth century largely dictated *defensive* tactics, which was directly at odds with Machiavelli’s ideological concept of the way in which battles should be fought.”

guelfos toscanos. Tais personagens sugerem que sua morte<sup>61</sup> em batalha levaria, mais tarde durante a narrativa, a uma nova intervenção dos angevinos na Toscana. Maquiavel atribui apenas 300 baixas entre seus próprios guerreiros, uma disparidade notável possível apenas através de sua pena e de seu relato, ainda que atribua também a morte de um Francisco, filho de Ugucione, jovem impetuoso morto no primeiro assalto. Tal conquista seria então onde Castruccio primeiro conquistaria seu renome de fato, comemorado por tal resultado esmagador.

A vitória, obtida através de sua liderança, no entanto, transformaria Ugucione de um aliado poderoso em um inimigo. Também consumido pela inveja que fora a perdição de Giorgio delli Opizi, Ugucione della Faggiuola planejava acabar com Castruccio:

*Fece questa rota al'tutto grande il nome di Castruccio in tanto che ad Uggucione entrò tanta gelosia, e sospetto dello stato suo, che nom mai pensava se non come lo potessi spegnere [...] [La Vita, pg 39]*

A situação narrada a seguir demonstraria uma situação uma vez sugerida em O Príncipe. Maquiavel sugere que o bom governante, através de uma metáfora quase esopiana, deve estar sempre pronto para reconhecer aqueles que pretendem lhe fazer mal. “*Precisando um príncipe de saber usar bem o animal, deve tomar como exemplo a raposa e o leão; pois o leão não é capaz de se defender das armadilhas, assim como a raposa não se sabe defender dos lobos. Deve, portanto, ser raposa para conhecer as armadilhas e leão para espantar os lobos.*”<sup>62</sup> Em Montecatini, Maquiavel fizera de Castruccio um Leão. Faltava fazer-lhe Raposa.

Narra o autor que aguardou Ugucione pela oportunidade apresentar-se, e com o assassinato de certo homem importante em Lucca, Pier Agnolo Micheli, e da proteção ofertada ao assassino na casa de Castracane. A situação não é mais detalhada, pois o foco da questão é que Ugucione, em Pisa, enviaria seu filho Neri, quem já governava Lucca em seu nome, para capturar o *condottiere* luchese e tratasse de eliminá-lo. Neri logra capturar Castruccio através de um convite a um jantar no *Palazzo* do *Signore*. No entanto, Neri mantém o cativo vivo, temendo matá-lo sem justificativas, aguardando pela decisão de Ugucione, que marchou de Pisa a Lucca com quatrocentos cavaleiros. Há então uma

---

<sup>61</sup> Maquiavel atribui a morte em batalha a Pedro, irmão do rei Roberto, assim como de Carlos, seu sobrinho, e de Filipe de Taranto.

<sup>62</sup> MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. Tradução de Antonio D’Elia. São Paulo. Círculo do Livro S.A. Sem data. Capítulo XVIII – *Quomodo Fides a Principibus sit Servanda*. Pg 111.

sublevação contra Ugucione em Pisa dado de sua ausência, a qual o aretino prefere suprimir rapidamente, regressando. Nesse traslado, em Lucca, libertam Castruccio dado a protestos contra Ugucione, que mostrava se cada vez mais impopular à medida que a aclamação de Castracane crescia. Liberto, e manejando a turba, investiu cotnra Ugucione, que então teve de fugir para a Lombardia, aonde abrigaria-se com os Della Scala, em Verona, segundo a narrativa de Maquiavel. O autor demonstra a habilidade política de Castruccio – que surpreso e traído por seu aliado, manejou habilmente sua popularidade assim como sua influência para tomar-lhe o estado de Lucca, dado que o personagem é aclamado senhor e príncipe da cidade.

Fazendo-se *capitano*, Castruccio se apresenta legítimo e apoiado popularmente pelos seus conterrâneos. De fato, Maquiavel narra que a fim de solidificar seu governo, seus primeiros empreendimentos são a retomada de territórios que haviam se rebelado contra Lucca dado da fuga de Ugucione – cidades menores e partes do *contado* anteriormente submetidas à autoridade da cidade; enumerando algumas das conquistas no momento: Serezana, aonde edificou um castelo, Massa, Carrara e Lavenza – locais reconhecíveis tanto ao autor quanto a seus leitores imediatos, inseridos em seu contexto assim como em seu espaço. Seus avanços são estratégios – como no caso de Pontriemoli, localidade tomada, de acordo com o autor, dado a sua posição à impedir avanços advindos da Lombardia. O esforço de expansão de sua autoridade é evidente, e não encontra grandes obstáculos. Em seu retorno, é novamente aclamado – e aqui Maquiavel declara afinal sua ‘tomada’, de fato, do poder na cidade, enumerando alguns personagens que apoiaram a Castruccio nessa empreitada.

Alguns autores<sup>63</sup> analisam o empreendimento da tirania de Castruccio em Lucca, e de fato, seria curioso como o mesmo fora selecionado por Maquiavel, um humanista cívico cuja disposição republicana é bem conhecida. No entanto, lembramos que a escolha do escritor se estabelece a partir de uma prática do poder – tremendamente pragmático, Maquiavel concebe que é em uma liderança sólida que a liberdade e honra itálicas podem ser defendidas.

## 2.2 - A Visita ao Imperador

O autor então demonstra um Castruccio mais maduro, consciente de suas ambições e, novamente, detentor de uma *virtù* refinada em diversos aspectos. Introduzindo um novo

---

<sup>63</sup> GREEN, Louis. *Lucca under Castruccio Castracani: The Social and Economic Foundations of a Fourteenth-Century Italian Tyranny*. I Tatti Studies in the Italian Renaissance, Vol. 1. 1985. Mesmo a situação da chamada tirania do personagem é em si questionada: as percepções tradicionais sobre o conceito de tirania costumam tomá-la como um exercício de poder arbitrário, despótico, e muitas vezes autocrático. Green prova que, no caso de Castruccio, tal percepção seria demasiado simplista, senão incorreta – Castruccio conta com uma base de poder diversificada e estratificada que garante e demanda para si a *Signoria da comuna*.

personagem à narrativa – o Imperador ‘Frederico da Baviera’, Maquiavel demonstra a habilidade diplomática e política de Castruccio, fundamental para a manutenção do governo e do pleno exercício do poder:

*Era venuto in questo tempo in Italia Federigo di Baviera Re de Romani per prendere la corona dello Imperio di quale Castruccio si fece amico, e lo andò à trovare con .CCCCC. cavagli, e lascio in Lucca suo luoghotenente Pagolo Guinigi del’ quale per la memoria del’ padre faceva quella stimetione che se fussi nato di lui. Fù ricevuto Castruccio da Federigo honoratamente, e datoli molti privilegi, e lo fece suo luoghotenente in Toscana, e perche i Pisani havevano cacciato Gaddo della Gherardesca, e per pauri di lui erano ricorsi à Federigo per aiuto, Federigo fece Castruccio Signore di Pisa<sup>64</sup>[...] [La Vita, pg 40]*

Castruccio se apresenta em termos de aliança para com Frederico, mas em uma posição de poder – ainda que localizado na região da Toscana. Maquiavel o mostra indo de encontro ao imperador com uma escolta armada, cavaleiros que demonstram não apenas o poderio bélico potencial do personagem, mas também uma recepção tão adequada quanto possível, lisongeira a dignidade do Rei dos Romanos. Também nos mostra a dedicação de Castruccio à Pagolo Guinigi, tornado seu lugar-tenente, fiel e confiável – Guinigi é assim o ‘bom conselheiro’ sugerido através de O Príncipe. A amizade demonstrada é recompensada pelo imperador, que não apenas faz de Castruccio seu vigário imperial, como também lhe transfere a *Signoria* de Pisa, anteriormente detida por Ugucione della Faggiuola. Agora, os territórios de Castruccio são não apenas Lucca, mas também Pisa – e o *contado* de cada cidade.

Narrado o retorno de Frederico aos seus principados germânicos, Maquiavel transforma Castruccio em um poderoso referencial da potência gibelina através da Itália setentrional. Diversos gibelinos, toscanos e lombardos, aproximam-se dele, buscando seu auxílio em retomarem suas cidades - dentre eles, muitos exilados da própria Florença. E

---

<sup>64</sup> MAQUIAVEL. Nicolau. *A Arte da Guerra e Outros Ensaios*. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. Pg 44. “Nessa época chegara à Itália Frederico da Baviera, rei dos romanos, que pretendia a coroa do Império. Castruccio fez-se amigo do rei, indo ao seu encontro com quinhentos cavaleiros. Deixou em Lucca como representante Pagolo Guinigi – que tratava como um filho, em homenagem à memória do seu falecido benfeitor. Frederico recebeu Castruccio com honrarias, concedendo-lhe muitos privilégios e fazendo-o seu governador nas terras de Toscana. Como os cidadãos de Pisa tinham expulso Gaddo della Gherardesca, tendo recorrido ao rei movidos pelo temor que seu antigo governante lhe inspirava, Frederico fez Castruccio Senhor de Pisa.[...]” Aqui observa-se um possível equívoco de Maquiavel sobre a identidade do personagem. O Rei dos Romanos no período, o qual aliara-se a Castruccio, fora Frederico da Áustria. Após ser derrotado na Batalha de Mühldorf (1322), Luis o Bávaro tomara o manto de Rei dos Romanos, e seria então também aliado de Castruccio – o jogo político itálico também se articulando com os príncipes alemães. Maquiavel cria aqui, juntando os nomes dos dois pretendentes em ‘Frederico da Baviera’.

reconhece conscientemente como Castruccio contempla conquistar toda Toscana com o auxílio e aliança com estes desterrados. Busca uma aliança para com Mateo Visconti de Milão, e reforma a organização política e militar de Lucca – armando os cidadãos da cidade e organizando-os em cinco unidades, uma para cada portão da cidade, reunindo assim vinte mil homens apenas em Lucca. Há então, uma referência interessante a sincreticidade entre a figura do príncipe, senhor e vigário imperial, e a figura já institucionalizada do *condottiere*:

*Cinto adunque di quelle forze, e di questi amici, accadde che Messer' Matteo Visconti fu assaltato da i Guelfi di Piacenza, i quali havevano cacciati Ghibellini, in aiuto de quali i Fiorentini, e il Re Ruberto havevano mandato loro genti. Donde che Messer' Matteo richiese Castruccio che dovesse assaltari i Fiorentini, acciò che quelli costretti a difendere le case loro rivocassino le loro genti di Lombardia. Così Castruccio con assai gente assalto il Val' Darno<sup>65</sup> [...] [La Vita, pg 40]*

A crítica de Maquiavel aos mercenários tem sido interpretada de maneiras mais abrangentes. Tanto em O Príncipe como na História de Florença, o autor discorre longamente sobre a inconfiabilidade desses guerreiros, de por mais habilidosos que sejam sempre tornam-se um empecilho ou um risco à segurança dos governantes que deles se valhem para travar suas guerras. Em si, o mercenário gera um problema social – quando contratado e quando não contratado. Alguns historiadores tem explorado a questão do uso do mercenário, e é consenso a adversidade de Maquiavel por eles. [Anghiari na História Florentina, no Príncipe]

No entanto, o autor também observa através de toda *La Vita* as qualidades que compõe a *virtù* de seu príncipe perfeito na figura de um *condottiere*. O *condottiere* é, para Maquiavel, um personagem cuja experiência cria uma iminência a excelência perante a manutenção de um estado – guerreiros de profissão, sábios relativos à arte da guerra (através da qual estados são ganhos ou perdidos) e dotados em si de tropas ‘próprias’ – os mercenários que lutam por si, que organizam, treinam, e lideram em combate – ou ainda, da confecção das milícias cidadinas, como a que o próprio Maquiavel se esforçou em organizar em 1512. Através da fonte analisada, observamos tal personagem – mesclando tanto seus afazeres de estado, a expansão da comunidade sujeita à Lucca e a si próprio, suas repetidas aclamações – todos insertos no jogo político no qual Castruccio ingressa com sucesso; e as lides de sua função

---

<sup>65</sup> *Idem*. Pg 46. “Mas, não obstante essas forças e esses amigos, Messer Mateus Visconti foi assaltado pelos guelfos de Piacenza (que tinham expulso os gibelinos, em defesa dos quais tanto os florentinos como rei Roberto tinham enviado expedições militares). Messer Mateus pediu assim a Castruccio que atacasse os florentinos, para que estes, obrigados a defender sua cidade, chamassem de volta os soldados que tinham enviado à Lombardia. Foi assim que Castruccio, com muitos homens atacou o vale do rio Arno [...]”

como *condottiere* – a liderança guerreira, a condução de campanhas pessoalmente, o treinamento e organização de hostes, e o serviço militar mediante algum tipo de resarcimento mesmo para outros senhores. Castruccio Castracane é apenas um dos *condottieri* de seu contexto – para não comentar o contexto do próprio Maquiavel – a partilhar funções tais. Azzone, Lodrisio e Matteo Visconti, assim como Cangrande della Scala, o próprio Ugucione della Faggiuola e o mais famoso Ezzelino da Romano são todos personagens que de alguma forma alçam-se ao poder político através de carreiras militares. No ambiente itálico, o *condottiere* é o efetivo de tal carreira por excelência.

### 2.3 - A Conjura dos Poggio

Retornando a análise da fonte, *La Vita* então retorna a ação em Lucca após a breve campanha no Vale do Arno, aonde as pressões exercidas por Castruccio – os saques sobre território florentino – causam o retorno das tropas enviadas contra os Visconti. No entanto, Castruccio retorna à Lucca perante uma insurreição contra seu governo – uma narrativa que demonstra com singular crueza as perspectivas de Maquiavel sobre a crueldade e o medo como recursos de governo.

A família di Poggio, em posição de influência e poder devido ao apoio a ascensão de Castruccio, segundo o autor, sentem-se lesados e não recompensados devidamente – e incitam uma rebelião contra seu príncipe. Em uma oportunidade, eliminam o lugar-tenente deixado por Castruccio na cidade. Porém, um ancião intervém em nome de Castruccio – membro da família descontente. Stefano di Poggio, respeitado em sua autoridade e idade, consegue a deposição das armas dos insatisfeitos a oferecer-se como mediador entre os revoltados e Castruccio. Maquiavel comenta a imprudência dessa deposição de armas, tão tola quanto a rebelião.

Castruccio, retornando rapidamente à Lucca, encontra a situação sob controle e a sublevação terminada. Ainda sim guarnece a cidade com guerreiros armados. Stefano di Poggio aproxima-se então de Castruccio, a fim de relatar o acontecido assim como mediar interesses de seus familiares – e não de si. Maquiavel então narra como Castruccio resolveu seu problema:

*[...]Je non prego per se perche giudicava non havere di bisogno, ma per l'altri di casa, pregandolo, che condonasse molte cose alla giovaneza, molte alal antica amicitia, e obbligo che quello haveva con la loro casa. Al' quale Castruccio risposi gratamente, e lo confortò a*

*stare did buono animo mostrandogli havere più caro havere trovato posai i tumulti [...] confortò Stephano à farli venire tutti a lui dicendo che ringratiava Diò di havere havuto occasione di dimostrare la sua clemenza, e liberalità. Venuti adunque sotto a la fede di Stephano e di Castruccio furono insieme com Stephano imprigionati, e morti.*<sup>66</sup> [La Vita, pg 41]

Mesmo contando com a suposta fidelidade de Stefano, o ancião assim como todos os seus parentes que haviam incitado a rebelião são passados pela espada. E ainda mais – sob o pretexto da demonstração de liberalidade e clemência por parte de Castruccio. Castracane se torna assim um personagem que não assume o risco nem tolera uma sublevação contra sua autoridade – tal qual sugerido por Maquiavel em O Príncipe, aonde aponta que um governo uma vez contestado jamais estaria tão seguro quanto se nunca contestado. E mais – como através do medo e de uma grande crueldade cometida súbito, assegura-se o poder de maneira melhor do que com a busca pelo respeito dos rebelados.

Dado a insegurança após a rebelião, Castruccio acorda um fim de hostilidades com os florentinos, propondo tréguas que são acatadas dadas as dificuldades financeiras geradas pela guerra – toda guerra é um grande empreendimento, que gera em si toda uma economia própria perante o investimento de recursos na potencialidade da geração de mais recursos – o saque, a conquista, a pilhagem geram também dividendos. No caso, acordada uma trégua de dois anos, Castruccio então reprimiu diversos em Lucca que pudessem ambicionar a seu poder, guardando assim a sua segurança como príncipe – perdoando alguns, exilando e confiscando os bens de outros, e também eliminando aqueles que dado o evento não poderia jamais considerar fiéis a si. Com esses recursos, erigiu uma fortaleza em Lucca – novo sinal da solidez de seu poder<sup>67</sup>.

## 2.4 - A Tomada de Pistóia

---

<sup>66</sup> *Idem*. Pg 47. “... apresentando-lhe pedidos que fazia não para si – porque nada reivindicava – mas para seus parentes, rogando-lhe que fosse generoso com a juventude, considerando a antiga amizade das suas famílias e tudo o que devia aos Poggio. Castruccio respondeu graciosamente, com palavras de conforto e boa disposição, demonstrando pensar que o fato de que o distúrbio tinha sido estancado era mais importante que sua ocorrência; pedir a Stefano que viesse com todos os reivindicantes a sua presença dizendo que agradeceria a Deus pela oportunidade de mostrar sua clemência e liberalidade. Mas quando todos se apresentaram, confiantes em Castruccio e Stefano, foram juntos com este último aprisionados e mortos.”

<sup>67</sup> WOODS-MARSDEN, Joanna. *Images of Castles in the Renaissance: Symbols of "Signoria"/Symbols of Tyranny*. Art Journal, Vol. 48, No. 2, Images of Rule: Issues of Interpretation. 1989. O estudo de Woods-Marsden tem como foco a análise da construção de castelos durante o Renascimento tanto como símbolos da *Signoria* exercida por seus construtores, assim como de Tirania – de acordo com diferentes fontes e diferentes pontos de vista. Comenta da alegria dos cidadãos de Lucca ao dilapidarem uma fortaleza construída durante o período de Castracane – hipoteticamente, a mesma mencionada na passagem por Maquiavel.



Seguro então em Lucca, e em paz com Florença, Castruccio considera então novos projetos de expansão dado sua ambição se assenhorar-se de toda Toscana. Tornando-se para a cidade de Pistóia – a meio caminho entre Florença e Lucca, e planejando usá-la como um ponto de onde ameaçar e mesmo considerar tomar Florença, Castruccio, sempre um personagem astuto e inescrupuloso, percebe como se aproveitar da divisão política da cidade entre as facções entre negros e brancos que dividiam Pistóia.

*[...]e havendo desiderio grande di occupare Pistoia parendoli quado ottenessi la possessione di quella Città di havere un' piede in Firenze, si fece in varii modi tutta la montagna amica, e con le parti di Pistoia si governava in modo, che ciascuna confidava in lui. [...] e più presto insula guerra mandorono a lui sefretamente l'uno, e l'altro per aiuti, e Castruccio à l'uno, e l'altro li promesse, dicendo à Iacopo che verrebbe in persona, e à Bastiano che manderebbe Pagolo Guinigi fuo allievo<sup>68</sup>[...][La Vita, pg 41]*

*[...]in sù la meza notte che così erano convenuti Castruccio, et Pagolo ciascuno fù à Pistoia, e l'uno, e l'altro fù ricevuto come amico. Tanto che entrati drento quando parve à Castruccio fece il cenno à Pagolo, doppo il quale l'uno uccise Iacolo da Già, e l'altro Bastiano di Possente, e tutti li altri loro partigiani furono parte presi, e parte morti, e corsono senza altre oppositioni Pistoia per loro, e trata la Signoria adi palagio, constrinse Castruccio il Popolo a darli ubidienza, facendo à quello molte rimessioni di debiti vecchi, e molte oferte, e così fecece à tutto il contado, il quale era corso in buona parte à vedere il nuovo Principe, tale che ognuno ripieno di speranza mosso in buona parte, dalle virtù sue, sì quitò. [La Vita, pg 41]*

Conspirando em separado tanto com um quanto com outro lado, Castruccio preparou sua armadilha sobre os líderes de ambos os grupos, brancos e negros, ao preparar um jantar para um e para outro, sob o pretexto de discutir e planejar como expulsar seus rivais da cidade. Através de sinais, Castruccio comparece pessoalmente à um dos dois encontros

---

<sup>68</sup> MAQUIAVEL. Nicolau.; *Op. Cit.* Pg 47. “Muito empenhado em ocupar Pistóia, por parecer-lhe que possuindo aquela cidade teria um pé posto em Florença, procurava demonstrar aos pistoienses sua amizade, de modo que todos ali confiavam nele [...] e como ambos confiavam em Castruccio mais do que nos florentinos, considerando-o mais expedito e eficaz em termos militares, pediram secretamente sua ajuda. Castruccio prometeu assistência a um e a outro, comunicando a Jacó que iria vê-lo em pessoa e a Sebastião que lhe mandaria Pagolo Guinigi. [...] Por volta de meia-noite, conforme tinham combinado, Castruccio e Pagolo chegavam a Pistóia – os dois recebidos como amigos. Uma vez na cidade, Castruccio num momento oportuno mandou um sinal para Pagolo, e logo o primeiro matou Jacó e o segundo, Sebastião. Todos os seguidores do chefe branco e do chefe negro foram presos ou mortos. Percorrendo a cidade sem encontrar oposição, Castruccio chegou à sede do governo de Palagio, obrigando o povo local a jurar-lhe obediência, perdoando dívidas antigas e fazendo numerosas doações. Agiu de tal modo que a população, que acorrera para ver o novo príncipe, se tranquilizou, cheia de esperanças, comovida com suas qualidades.” A tradução novamente suprime partes da narrativa.

marcados ao mesmo tempo, enquanto envia seu fiel Pagolo ao outro – e em ambos eventos são assassinados os líderes das facções. Entrando com suas tropas na cidade, e estando esses partidos divididos e desordenados, expulsa ou mata os remanescentes até obter do *Popolo* a *Signoria* da cidade. Seu método para essa conquista, descrito por Maquiavel, é uma intriga complexa – mas eficiente dado que não permite às facções ‘decapitadas’ organizarem-se ou mesmo aliarem-se contra um inimigo externo, no caso, o próprio Castruccio. Sua ação logo da ‘conquista’ também demonstra como o personagem é hábil ao manejar a opinião da ‘turba’, da população que observa e então o celebra.

Toda essa situação parece ser construída por Maquiavel, dado que outros relatos sobre a conquista de Pistóia baseam-se em um longo cerco. Tal assédio e a batalha consequente não são mencionados durante a narrativa. O importante para o autor é demonstrar como através de ações moralmente questionáveis pode um governante expandir seus domínios sobre territórios aos quais titularmente o mesmo não teria *de jure* direito. Com a conquista de Pistóia, Castruccio se torna cada vez mais ameaçador para Florença e para os demais guelfos – dado que agora o *condottiere* detém sob sua influência política direta três *comune* importantes, e mais diversas outras *comune* menores, totalizando assim praticamente um terço da Toscana.

## 2.5 - A “Questão Romana”

Maquiavel então reintroduz um jogo político mais amplo do que a expansão regional sobre a Toscana. Dado a ausência do Pontífice, que se encontrava em Avignon, o *Popolo* de Roma – os Barões Romanos<sup>69</sup> - insatisfeitos, passam a gerar distúrbios, afetando inclusive a ‘administração alemã’ composta por magistrados indicados pelo Império. O advento do personagem Enrico, vigário imperial que recorre à Castruccio – conhecido gibelino e, nesse momento da narrativa, próspero príncipe toscano demonstra o quão abrangente se tornaria a influência política do príncipe maquiaveliano através da península itálica. Perante a ameaça da requisição de ajuda por parte do patriciado romano ao rei de Nápoles a interceder na cidade em favor do papado – e assim da causa dos guelfos – Castruccio observa uma oportunidade de não apenas fortalecer sua própria imagem perante seu aliado imperial, assim como sobre a península de uma maneira geral.

---

<sup>69</sup> LARIVAILLE. Paul. *Op. Cit.* Pgs. 48-49. O autor explora e nota na política romana uma influência do patriciado cidadão a tal ponto a intervir mesmo na política pontifícia como uma decorrência de uma ainda maior fragilização dos argumentos em prol da interferência da Igreja na política secular e na administração urbana da Cidade Eterna, principalmente com o Exílio de Avigno e o Cisma do Ocidente. Maquiavel, muito bem informado da questão, observa sua importância para o surgimento da situação seguinte.

Enrico requisita não apenas tropas, mas a presença do *Signore* de Lucca. O qual, prestando o serviço ao Imperador, deixa Pagolo Guinigi a reger Lucca. Viajando com seiscentos cavaleiros, Castruccio será recebido com honrarias pelos gibelinos em Roma – de tal forma que toas as sublevações reduziram-se, na narrativa de Maquiavel, por sua mera presença na cidade:

*[...] e imbrevisimo tempo la sua presenza rende tanta riputatione ala parte dello Imperio che senza sangue, ò altra violenza sî mitigò ogni cosa. Perche fato venire Castruccio per mare assai frumento del' paese di Pisa levo la cagione delleo scandolo. Di ppoi parte ammonendo parte gastigando i capi di Roma, li riduse voluntariamente sotto il governo di Enrico, e Castruccio fû fato Senatori di Roma, e datoli molti altri honori dal' Popolo Romano il quale ufficio Castruccio prese con grandíssima pompa. E sî misse una toga di broccato in dosso con lettere dinanzi che dicevono .egliè quel' che Dio vuole, e di drieto dicevono. E sarà qiel' che Dio vorrà.<sup>70</sup> [La Vita, pg 41]*

Aqui Maquiavel insere novamente Castruccio em uma situação de ‘política externa’ em seu plano de ampliação de seus domínios. Utilizando-se da situação para conquistar um maior renome celebrando aquele que já havia construído através de sua reputação, começamos a perceber em Castruccio ações deliberadas e cientes – os alimentos trazidos de Pisa a fim de conter os distúrbios surgem quase como uma inserção posterior – a presença de Castruccio aquietam ânimos exaltados. Mas o mesmo é prudente o suficiente para ter consigo mais de uma solução para a ‘questão romana’.

## 2.6 – A Reação Florentina

Ofendidos com a tomada de Pistóia durante a trégua entre Castruccio e os florentinos, os guelfos procuram provocar uma rebelião contra o protagonista – aproveitando-se de sua ausência e da presença de homens influentes de Pistóia em visita a Florença. Convencendo seus conterrâneos, os florentinos penetram na cidade durante a noite, expulsando os homens de Castruccio da cidade, lhe devolvendo a liberdade. Aborrecido com a notícia, Castruccio retorna à Lucca apressadamente. Pensando que esse retorno se deveria à uma tentativa

---

<sup>70</sup> MAQUIAVEL. Nicolau. *Op. Cit.* Pg 48. “[...] em muito pouco tempo sua presença se deu tal força ao império que, sem sangue ou violência, tudo se resolveu. Castruccio fez vir trigo de Pisa, por mar, eliminando a causa dos distúrbios. Usando advertências e pressões, levou os chefes políticos de Roma a se submeterem voluntariamente ao governo de Enrique. Por isso ganhou muitas honrarias do povo romano, tendo sido feito senador – título que recebeu com grande pompa, vestindo uma toga de brocado com as seguintes palavras bordadas na frente: “é este que deus escolhe”; e atrás: “E será o que Deus escolher”.

imediate de reconquista Pistóia, os guelfos juntaram uma nova hoste, composto por florentinos e seus aliados, o qual estacionou-se próximo a Pistóia antes que os lucanos pudessem barrar-lhes o avanço sobre o Vale do Nievole. Conhecendo aonde os florentinos o aguardavam, Castruccio não ataca a cidade – e assim, seus inimigos se deslocaram à planície de Pescia, tentando enfrenta-lo no passo de Serravalle.

Confiantes dado à seus números – que Maquiavel sugerem ser mais de quarenta mil homens<sup>71</sup> enquanto os guerreiros liderados por Castruccio apenas numeravam doze mil homens – menos da metade da hoste dos reunida pelos guelfos. Aqui Maquiavel insere um pequeno comentário para reforçar a sabedoria guerreira de Castruccio:

*E ben' che si confidassi nella indústria sua, e virtù loro, purê dubitava appicandosi nel luogo largo di non esser' circondato dalle moltitudine de nimici.*<sup>72</sup> [La Vita, pg 41]

Não permitir ditar o local aonde o combate ocorresse, e sim escolher o terreno onde pudesse dispor mais favoravelmente demonstra parte da perícia que Maquiavel se esforça em dotar seu protagonista. E de fato, o autor demonstra mais algumas situações em que Castruccio busca garantir-lhe a superioridade sobre seus inimigos. Serravalle seria um castelo entre Pescia e Pistóia, o qual guarnecido por um castelão alemão, Manfredi, e a localidade é descrita em alguns detalhes. Esperando não permitir ao inimigo utilizar-se da fortaleza nem do auxílio daqueles nela, o personagem busca dispor seus guerreiros além da crista do passo – preservando a confiança de seus guerreiros, para que não se abalassem com os números tão superiores de seus oponentes. Negociando com Manfredi, que prometia garantir o castelo a pistoienses e lucanos, dado que prometia sua neutralidade. No entanto, Castruccio, não arriscando uma mudança de Manfredi em favor dos guelfos, conspirou com conhecidos da localidade, e na noite seguinte aos preparativos de suas companhias, infiltrou guerreiros no castelo e matou o castelão, apossando-se da fortaleza. Novamente Maquiavel demonstra Castruccio atingindo seus objetivos através de traição – lançando mão dos recursos dos quais dispõe sempre que possível a fim de controlar onde possível os deslizes e vontades da Fortuna.

O avanço guelfo sobre o passo de Serravalle também seria seu fim – desconhecendo que Castruccio teria tomado o castelo, e não podendo avistar as disposições do inimigo além da crista da colina, os florentinos surpreenderam-se ao encontrar o inimigo preparado. Como

<sup>71</sup> A tradução de Sérgio Bath sugere no lugar ‘apenas’ trinta mil homens.

<sup>72</sup> *Idem*. Pg 48. “Embora confiasse na sua capacidade e no valor dos soldados que comandava, temia o combate num espaço ample, onde poderia ser cercado por multidão de inimigos.”

que os que marchavam atrás empurravam os à frente contra a linha de Castruccio, que ordenou então o ataque. Maquiavel narra então uma grande confusão e desordem entre os florentinos, pegos entre os flancos das montanhas assim como entre os inimigos e seus amigos – e Castruccio, percebendo que apenas o primeiro choque não seria suficiente, enviou cavaleiros e infantes pelo caminho da fortaleza, a fim de flanquear seu inimigo.

Mais uma vez sua vitória é absoluta – os florentinos, que o autor sugerem mais vencidos pela disposição do terreno mais do que pelo valor de seus inimigos, debandam:

*[...] che da nimici incominciarono à fuggire, e cominciò la fuga da quelli che erano di drieto verso Pistoia, I quali di stendendosi per il piano, ciascuno dove meglio li veniva provedeva ala sua salute, fù questa rotta grande, e piena di sangue<sup>73</sup> [...] [La Vita, pgs 42-43]*

Maquiavel narra então da captura de diversos nobres florentinos, assim como muitos toscanos e napolitanos, aliados dos guelfos que também compunham sua hoste. Com a notícia de tal vitória esmagadora sobre uma força muito mais ampla, os habitantes de Pistóia expulsam os guelfos da cidade, se entregando novamente a *Signoria* da cidade à Castruccio. No entanto, desejoso ainda de punir seus rivais pela rebelião que causaram em suas terras, além do desrespeito à trégua, Castruccio avançou sobre território florentino, tomando Prato e diversos castelos da planície em ambos os lados do Arno, acampando com sua hoste vitoriosa apenas a duas milhas de Florença:

*[...] dove stette molti giorni à dividere la preda, e à fare festa dela Vittoria havuta, facendo in dispregio de Fiorentini battere monete, correre pali à cavagli, à huomini, e à meretrici, nè mancò di volere corrompere alcuno nobile cittadino perche li aprisela notte le porte di Firenze.<sup>74</sup> [La Vita, pg 43]*

Perante os portões de Florença, Maquiavel demonstra o escárnio dos vitoriosos sobre os vencidos – uma vez debandados os regimentos preparados pelos florentinos, a cidade estaria então à mercê de Castruccio, que após saquear o *contado* de Florença com impunidade por diversos dias, divide o butim entre seus guerreiros, e festeja entre eles com o tradicional *palio* – as corridas de cavalos, as disputas entre homens e meretrizes, assim também como

<sup>73</sup> *Idem*. Pg 48. “[...] se puseram a fugir. E os que se encontravam atrás fugiam também, na direção de Pistóia, correndo pela planície em um salve-se quem puder. Foi uma derrota sangrenta.”

<sup>74</sup> *Idem*. Pg 48. “[...] onde passaram muitos dias a dividir os despojos e a festejar a vitória, fazendo cunhar moedas, organizando competições com cavalos, homens e meretrizes. Quiseram corromper alguns cidadãos de Florença para que, de noite, lhe abrissem as portas da cidade [...]”.

cunhando moedas. Paola Ventrone observa nesse tipo manifestação ‘festiva’ uma celebração destinada ao escárnio dos vencidos, assim como uma demonstração de sua impotência e submissão<sup>75</sup> – embora Maquiavel não permita a Castruccio a tomada de Florença, uma vez que tal ocorrência seria conhecida por leitores seus conterrâneos, trata-se ainda de uma situação análoga às práticas de celebração de festas, inclusive religiosas sobre as praças conquistadas com a finalidade de demonstrar sua submissão a *comuna* ou ao *signore* que a tomou.

E mesmo aí, Maquiavel observa Castruccio a procurar mais uma oportunidade para invadir e tomar a própria Florença através do método do qual lançara mão diversas vezes – a traição. Buscando negociar com personagens no interior das muralhas para que lhe abrissem os portões. No entanto, as primeiras tentativas são descobertas e os seus partidários enforcados pelos florentinos, atentos à seus métodos. Aturdidos pela derrota, os florentinos buscam a ajuda do rei Ruberto de Nápoles, mesmo lhe ofertando a *Signoria* da cidade. Procurando fortalecer os guelfos na Toscana, e de maneira curiosa, traçam um acordo tal qual uma *condotta* entre a República e o Rei.

Descreve-nos Maquiavel: [...] *e convenuto com i Fiorentini di havere .CC. mila fiorini l'anno mandò à Firenze Carlo suo figliuolo com quatro mila cavalli*<sup>76</sup>[...] [La Vita, pg 43] - Mediante a uma retribuição, o filho de Roberto à enviado liderando um exército considerável à Toscana, a fim de combater a expansão gibelina encarnada em Castruccio. Tal situação não insere o rei na figura do *condottiere* de fato, mas o paralelo é claro do ponto de vista funcional – ambos lideram hostes próprias pela defese de outrem mediante pagamento. A expansão de Castracane sobre a península leva seus interesses políticos a choque com os de outros potentados – novamente agora, não apenas com os florentinos, derrotados em Serravalle, mas com o rei de Nápoles. Em Pisa, organiza-se uma conjura contra Castruccio, que tem então de abandonar a empresa contra Florença a fim de manter a salvo a segurança de seu próprio principado. No entanto, a conjura lhe é denunciada, e rapidamente executa seu principal incitador, assim como exilando sua família e muitos outros.

Maquiavel, em seu tempo, observara algumas intrigas como a mesma, e descreve seus problemas na seguinte expressão: *Ma perche in queste cose si il poco numer è sufficiente al*

<sup>75</sup> VENTRONE, Paola. *La costruzione dell'identità cittadina in Italia tra XIII e XV secolo: feste, rituali, simboli*. In.: Identitats, Flocel Sabaté, Ed. Pagès Editors, Lleida, 2012

<sup>76</sup> MAQUIAVEL. Nicolau. *Op. Cit.* Pg 50. “[...] Convencionou assim com os florentinos o recebimento de duzentos mil florins por ano, enviando-lhes quatro mil cavaleiros comandados pelo filho, Carlos.”.

*segreto, non basta ala esecutione* <sup>77</sup>[...] [*La Vita*, pg 43] A infeliz conspiração dos Pazzi, em 1478, contra os Médici seria um exemplo – Maquiavel era muito jovem, apenas um menino, para ter observado de fato o evento, mas o tal teria tão grande repercussão que certamente o autor o teria conhecido – e na História de Florença relataria o fato. Giuliano de Medici, pai de seu comissionário Giulio de Medici, e irmão de Lorenzo o Magnífico, fora assassinado durante essa conjura.

Através de O Príncipe, o escrito avisa ao governante para circundar-se de bons conselheiros e afastar aos maus e aos bajuladores, e também para atentar às conjurações contra si – e Castruccio é um príncipe atento, tomando ação contra aqueles que falam contra si de maneira impetuosa e eficiente. A intensidade de suas reações – executando inimigos e mesmo potenciais adversários – condiz com a demonstração de Maquiavel relativa à crueldade do príncipe como um método de controle e de exercício do poder.

Durante a repressão de Pisa e Pistóia, localidades as quais Castruccio considerara de lealdade questionável à seu principado, os guelfos mais uma vez organizaram uma grande hoste, contanto com o apoio de Ruberto de Nápoles. Segundo Maquiavel:

[...] ragunoro insieme grande gente perche convocorono in loro aiuto guasi tutti i Guelfi d'Italia, e feciono uno grossissimo esercito di più che .XXX. mila fanti e .X. mila cavagli [...] <sup>78</sup> [*La Vita*, pg 43]

Castruccio mais uma vez se encontra perante um grande desafio – o autor recorrendo não apenas aos numerosos guerreiros que seus inimigos prepararam, mas também a referência mais sutil de que ‘quase todos’ os guelfos da Itália teriam se preparado para combatê-lo. Castruccio, sempre representante dos gibelinos, encontraria então seu derradeiro destino. As forças dos guelfos então ocupariam territórios sobre autoridade de Pisa, e marchando em direção àquela cidade. Maquiavel então demonstra novamente como Castruccio percebe-se perante uma nova oportunidade de conquistar a Florença, e assim toda a Toscana – dado a sua vitória em Serravalle. Preparando novamente uma hoste menor do que a dos rivais, Castruccio envia, para flanqueá-los, Pagolo Guinigi à Pisa com cinco mil guerreiros, enquanto comandava pessoalmente vinte mil infantes e quatro mil cavaleiros ao castelo de Fucecchio.

---

<sup>77</sup> *Idem*. Pg 50. “Mas, como nestes casos o número reduzido é favorável ao segredo mas não basta para a execução[...]”.

<sup>78</sup> *Idem*. Pgs 50-51. “[...] decidiram não perder mais tempo, reunindo um grande exército – mais de trinta mil infantes e dez mil cavaleiros – convocando quase todos os guelfos da Itália (sic) para que os ajudassem.”.

Maquiavel então descreve Fucecchio e sua região, entre o Gusciana e o Arno, elevado. Descreve também as dificuldades dos guelfos em impedir a comunicação entre a posição defendida pelo *condottiere* e Pisa, e os riscos de um assalto – todas as opções em desvantagem. Castruccio mostra seu gênio militar mais uma vez ao tomar essa posição como ponto de vantagem, ditando as situações de combate e o próprio campo de batalha a seus oponentes:

*[...] Et Castruccio per dare loro animo di pigliare questo partito di passare, non si era posto com le genti sopra la riva D'Arno, ma allato alle mura di Fucechio, e haveva lasciato spatio assai intra il filme, e lui<sup>79</sup>. [La Vita, pg 43]*

Ditando assim, através de uma sagacidade que percebe através do suposto olhar do inimigo as aproximações mais vulneráveis contra sua posição, o Castruccio de Maquiavel nota como ditar aonde seus inimigos invistam contra sua posição – através de um terreno traiçoeiro que é atravessando o Rio, ainda que descrito com águas baixas. A única data da fonte aparece então: 10 de julho, que o autor menciona como o início do ataque florentino. A descisão do combate então segue:

*Venuto per tanto la matina de di .X. di Giugno i Fiorentini ordinati ala zuffa fectono cominciare à passare parte della loro cavalleria, e uma battaglia di .X mila fanti. Castruccio che stava parato, e intento À quello che gli haveva in animo di fare com uma bataglia di .V. mila fanti, e ter mila cavagli li assalto, ne dette loro tempo ad uscire tutti fuora dele acque, chef'ù alle mani com loro, mille fanti spediti mando sù per la riva dalla parte di sotto d'Arno, e mille di sopra . Erano i fanti de Fiorentini aggravati dalle acque, e dalle armi, ne havevano tutti superato la grotta del' Fiume, i cavagli passati che furno alquanti per haveve rotto il fondo d'Arno ferono il passo ali altri difficile [...]<sup>80</sup>. [La Vita, pg 44]*

Castruccio prevê que uma vez engajados, os guelfos tentariam atravessar o rio mais acima ou abaixo da posição que bloqueava, a fim de socorrer seus aliados ao flanquear e

---

<sup>79</sup> *Idem*. Pg 51. “Para incentivar os adversários a escolher esta última alternativa, Castruccio não colocara suas tropas nas margens do rio, mas sim nos muros do castelo, deixando um espaço suficiente entre os soldados e o Arno.”

<sup>80</sup> *Idem*. Pg 51. “Na manhã de 10 de junho os florentinos, em ordem de combate, começaram a cruzar o rio com parte da cavalaria e dez mil infantes. Foi quanto Castruccio, que aguardava, atento às suas intenções, atacou-os com cinco mil soldados de infantaria e três mil cavaleiros. Os florentinos nem tiveram tempo para sair todos do rio, antes de enfrentar os assaltantes. Além disso, mil infantes com armas ligeiras tinham sido deslocados pela margem, a jusante, e outros mil a montante. Os soldados de Florenã estavam sobrecarregados de armas, seus movimentos dificultados pela água; mal tinham conseguido subir a barranca do rio. A passagem dos primeiros cavalos, escavando o leito, tornava mais difícil o cruzamento dos que se seguiam [...]”



expulsar os inimigos. Assim, despachando seus guerreiros à estes pontos estratégicos, resiste ao avanço florentino, combatendo-os enquanto ainda estão vulneráveis, dentro das águas. Maquiavel descreve as ‘tropas ligeiras’ e seu equipamento – inspirado na leitura de autores clássicos, no caso, provavelmente Tito Lívio e Políbio, dado que Castruccio os armaria com azagaias e pequenos escudos redondos. Esses escaramuçadores, narra o autor, ferem aos cavalos, gerando confusão, assim como os infantes empurram seus oponentes de volta às águas, cansando-os ainda mais. Os líderes de ambas hostes exaltam seus homens – descreve Maquiavel Castruccio lembrando que estes inimigos já foram vencidos antes em Serravalle, enquanto os oficiais florentinos denunciam a inferioridade numérica dos guerreiros gibelinos.

Mais uma segunda vez Maquiavel inspira-se em autores e no método de combate romano para narrar o senso tático de Castruccio ao demonstrar como o mesmo envia novos cinco mil guerreiros às margens do rio para dispor de tropas frescas contra os exaustos florentinos, assim como retirando do combate seus guerreiros cansados. O autor concede aos florentinos alguns metros ganhos na margem dado à troca de posição dos combatentes, mas a mesma é descrita também como organizada e cuidadosa – tal qual descritas por Políbio ao explorar o exército romano durante as Guerras Púnicas – e o sistema das manipulas, que tratam da mesma situação: a substituição de combatentes exaustos por novos guerreiros descansados.

## 2.7 – A Morte do Príncipe

Maquiavel declara então que a Batalha de Fucecchio fora uma grande derrota para a República de Florença, e que a mesma cobriu de glória a Castruccio – ainda que tal episódio aparentemente seja completamente ficcional, dado que outras narrativas e biografias sobre Castracane não comentem essa batalha. O autor nos oferece uma batalha sangrenta. Novamente, o exagero na contagem dos mortos é evidente. Atribuindo aos florentinos vinte mil, duzentos e trinta e um mortos, oferece apenas mil quinhentos e setenta casualidades aos guerreiros do lucano, a fim de demonstrar como a vitória de Castracane fora completa. No entanto, é então que a narrativa apresenta sua cena final e derradeira:

*Ma la fortuna nimica ala sua gloria, quando era tempo di dargli vita gliene tolse, e interrompe quelli disegni che quello molto tempo innazi haveva pensato di mandare ad effetto, ne gliene poteva altro che la morte impedire. Erasi Castruccio nella battaglia tutto il giorno affaticato quando venuto il fine di essa tutto pieno di affanno, e di fudore si fermò sopra la*

*porta di Fucecchio per aspettare le genti che tornassino dalla vittoria, e quelle com la presentia sua ricevere, e rigratiare, e parte, se purè alcuna cosa cascasse da nimici, che in qualcheluoco havessino fato testa, potere essere pronto a remediare giudicando l'officio d'um buon capitano essere montarei l primo à cavallo, e ultimo scendere. Donde che stando esposto ad uno vento che il più dele volte à mezzo di si lieva di in sù Arno, e suole essere quase sempre pestiferò agghiacciò tutto. La qual' cosa non essendo stimata da lui, come quello che asimili disafi era assueto, fù cagiõe della sua morte. Perche la notte seguite fù d'uma grandissima febre assalitò, la quale andando tutta via in augumeto, e essendo il male da tutti i medici giudicato mortale, e accorgendosene Castruccio chiamò Pagolo Guinigi, e li disse queste parole.*<sup>81</sup>. [La Vita, pg 44]

Ao que se segue o discurso do herói moribundo, a maior atribuição, certamente fictícia, de Maquiavel a Castruccio. Mesmo perante a morte iminente de seu herói, Maquiavel atribui ainda valores ao personagem – como sua pró-atividade, como sua *virtù* guerreira havia lhe conquistado a seus inimigos assim como mesmo no momento após o combate ainda tinha situações a resolver – soldados a celebrar, inimigos a desorganizar. É também aqui que Maquiavel culpa à Fortuna o fim de Castruccio, que apenas a Morte que ela envia poderia tolher-lhe os planos de conquista que almejava.

O autor não questiona as ambições de Castruccio, mas reconhece que é a *Fortuna* apenas que poderia impedir esse perfeito príncipe de concretizar seus demais grandes feitos – um argumento que Maquiavel já transparecera em O Príncipe na figura de Cesare Bórgia. Maquiavel observara em seu contemporâneo Bórgia um personagem mais do que capaz, também em si encarnando um príncipe perfeito – e que apenas a Fortuna poderia tolher-lhe seu principado, o que de fato ocorreria. O autor, quase angustiado, comenta que, da morte de Alexandre VI, não estivesse o próprio Cesare enfermo – e assim inábil para intervir – o mesmo teria não apenas intervindo na próxima eleição pontifícia, assim com também manteria seu papel singular perante a Cúria assim como a manutenção das conquistas de suas campanhas na Romanha.

---

<sup>81</sup> *Idem*. Pgs 52-53. “Mas a sorte, inimiga da glória de Castruccio, no momento em que devia dar-lhe vida, a roubou, interrompendo os planos que ele há muito tinha imaginado executar – e que só a morte poderia impedir. Com efeito, Castruccio se tinha empenhado na batalha durante todo o dia; depois, coberto de suor e de cansaço, esperou na porta do castelo de Fucecchio pelo retorno dos combatentes, para recebê-los pessoalmente e agradecer-lhes a vitória; e também para remediar alguma inesperada resistência do inimigo – pensava que o bom comandante devia ser o primeiro a montar e o último a descer da montaria. Expôs-se assim ao vento gélido que muitas vezes ao meio-dia se levanta sobre o Arno, quase sempre prestífero – como não estava habituado àquilo, essa foi a causa de sua morte. Na noite seguinte teve uma febre altíssima. Como seu mal piorasse e os médicos o considerassem mortal, chamou Pagolo Guinigi, dizendo-lhe”.

*Se isso se ouvesse realizado (e haveria de realizar no próprio ano em que Alexandre morreu), ele teria adquirido tanto poder e tanta reputação, que a si próprio se teria bastado e não dependeria mais da sorte e do poder alheios, mas da força e habilidade próprias Mas Alexandre morreu decorridos cinco anos do momento em que ele começara a empunhar a espada.. [...] Mas havia no duque tanta energia e tanto valor, sabia ele tão bem quanto os homens devem ser conquistados ou aniquilados que em tão pouco tempo havia assentado, que, não tivesse ele tido sobre si aqueles exércitos ou gozasse saúde, teria superado todas as dificuldades. [...] Se no momento da morte de Alexandre gozasse de saúde, tudo lhe teria sido fácil. Disse-me o duque, quando foi eleito Júlio II, que pensara no que aconteceria se morresse seu pai e que para tudo achara remédio; mas que jamais pensara que, à hora da morte do pai, pudesse ele também estar à morte. Havendo assim resumido todas as ações do duque, não posso censurá-lo; ao contrário, sou de parecer que se deve, como aliás o fiz, propô-lo como modelo da todos aqueles que, pela sorte e pelas armas de outrem, ascenderem ao poder.<sup>82</sup> [O Príncipe, Capítulo VII, pg 66]*

O discurso em si é também muito rico – das perspectivas que Maquiavel atribui a Castruccio, o qual então, em seu leito de morte, aconselha a seu suposto sucessor, Pagolo Guinigi, como manter seu estado – através da sabedoria de sua experiência. Castruccio lamenta a morte, assim como seu legado e o esforço para compô-lo quase desperdiçado – lamenta a ofensa aos florentinos e a conquista de Pistóia, e que deveria ter-se sentido satisfeito apenas com Lucca e Pisa sob seu domínio – e sem a inimizade de ambos, legaria um estado menor, porém mais sólido e tranquilo. O próprio Castruccio amaldiçoa a Fortuna:

*Ma la Fortuna che vuole essere arbitra di tutte le cose humane, non mi há dato tanto giuditio ch'io l'habbia prima potuta conoscere, ne tanto tempo ch'io l'habbi potuta superare<sup>83</sup>.*  
[La Vita, pg 45]

Esse estrato revela uma postura a qual o próprio Maquiavel transpira sobre seu texto. Da biografia de Castruccio, talvez aqui o autor confesse mais de seu íntimo do que de seu projeto de governante – o próprio Maquiavel, sabemos, fora vítima da inconstante Fortuna. Na época da redação, durante o processo de retorno ao favor dos Médici, Maquiavel

---

<sup>82</sup> *Idem*. Pg 66. Nesse estrato notamos uma similaridade incomum entre a situação descrita por Maquiavel em que se encontrou Castruccio – e Cesare Bórgia. Faz de Bórgia um príncipe em potencial de excelência, tolhido apenas pela má sorte, pelos devaneios caprichosos da *Fortuna*. Há apenas uma crítica traçada pelo autor à Bórgia – sobre a eleição de Júlio II, que considerou seu único pecado ao não intervir em favor de um potencial Papa mais simpático à seu projeto de conquista e estabelecimento de um estado na Romanha dissociado dos Estados Pontifícios e do Patrimonium Petri.

<sup>83</sup> *Idem*. Pg 53. “Mas a sorte, que quer arbitrar todas as coisas humanas, não me deu o julgamento necessário para que me conduzisse assim, nem o tempo suficiente para superar todas as dificuldades.”.

observara o final de sua estimada República, assim como o fracasso de sua milícia treinada, ainda que conforme suas próprias adaptações, ‘à Romana’ – modo também inserido em *La Vita* quando da descrição do método guerreiro empregado por Castruccio e da disposição do armamento das tropas quando do rechaçar os florentinos das margens do rio. Como comentado por Larivaille, mesmo após o desastre em Prato, a derrota e posterior desmobilização da milícia cidadina recrutada e treinada por Maquiavel o autor ainda confiava em seu modelo, inspirado e legitimado pela História dos Antigos, seus antepassados. Sua manifestação, também nessa obra, seria parte de sua argumentação e do sobreaviso – a Fortuna rege o destino dos homens, e mesmo os mais hábeis que a manejam com destreza, dotados da mais refinada *virtù*, continuam submetidos a seus sabores, a sua inconstância.

Através de seu discurso, Castruccio oferece tantos aconselhamentos quanto possível sobre como manter o estado que será seu legado para o jovem Pagolo Guinigi, demonstrando quais de seus aliados e quais de suas possessões pode ter como fiel, assim como aquelas que não deve contar a seu lado. Adverte Pagolo de seus supostos aliados:

*Hai per vicini i Fiorentini offesi, e in mille modi da noi ingiuriati, e non spenti, ai quali sara più grato lo avviso della morte mia, che non sarebbe lo acquisto di Toscana, nelli Principi di Milano, e nello Imperadore non puoi confidare, per esser’, discosto, pigri e li loro soccorsi tardi, non dei per tanto sperare in alcuna cosa fuora che nella tua indústria et nella memoria della virtù mia, e nella riputatione che ti arreca la presente vittoria, la qualse se tû saperai co prudentia usare ti dará aiuto à fare accordco com i Fiorentini, [...] <sup>84</sup>. [La Vita, pg 45]*

Dentre os conselhos de Castruccio, podemos observar alguns paralelos com a legação de um Principado Hereditário – o *condotierre* moribundo afirma a Guinigi que seu principado estará seguro em Lucca, mas que Pistóia será sempre problemática enquanto dividida em diversas facções, assim como Pisa, uma cidade, segundo o auto, de homens nobres e honrados, não suportará por muito tempo um senhor estrangeiro. Castruccio preocupa-se em seu leito de morte com seu legado, que reconhece como um argumento de legitimação ao poder de Pagolo. A *virtù* transparece em seu discurso – a manutenção do estado deixado à

---

<sup>84</sup> *Idem*. Pg 53. “Terás como viinhos os florentinos – que ofendemos e injuriamos de mil maneiras, sem que os tenhamos exterminado. A notícia de minha morte lhes dará mais alegria do que sentiriam com a conquista de toda a Toscana. Não deves confiar nos príncipes de Milão, ou no imperador, porque estão longe, são lentos e sua assistência é tardia. Só te deves apoiar, portanto, na tua indústria e na memória do meu valor, como na fama que te traz a presente vitória; se souberes usá-la com prudência, te assistirá a fazer um acordo com Florença que, desalentada pela derrota, há de querer tal ajuste”.

Pagolo depende de sua indústria, de sua engenhosidade, assim como dependera na de Castruccio também durante seu estabelecimento.

Castruccio se autocensura – surpreendido pela Fortuna, deixa um estado frágil a Pagolo, e tem sua consciência disso. Alerta a seu herdeiro a buscar alianças, ao invés de inimigos como fizera. E como possível insere seus conselhos a seu sucessor, e garante tanto quanto possível a continuação de seu legado:

*[...] io tì ho lasciato questo Regno, l'altro che io te lo ho insegnato mantenere. Di poi fatti venire quelli cittadini che di Lucca di Pisa, e di Pistoia militavano seco, e raccomandato à quelli Pagolo Guinigi, e fattili giurare ubbidientia si morì, lasciando a tutti quelli (che lo havevono sentito ricordare) di se una Felice memoria( e à quelli che li erano stati amici) tanto Desiderio di lui, quanto alcuno altro Principe che mai in qualunque altro tempo morì. Furono le esequie sue celebrate honoratissimamente, e sepolto in Santo Francesco di Lucca.*<sup>85</sup>  
[La Vita, pg 45]

Por mais questionável que fosse seu governo, por mais ilegítima a sua tomada do poder em Pistóia ou mesmo na Pisa que conquistou de Ugucione, Castruccio faz questão, na interpretação de Maquiavel, de fazer de Pagolo seu herdeiro legítimo e de conseguir de seus partidários mais próximos – e aqueles que lutavam consigo em sua última batalha – o apoio ao seu sucessor – nem tanto na tentativa de criar sua dinastia, mas na de manter sólido o estado que compôs através de suas conquistas. Sua herança é sua experiência, seu conselho, e seu estado.

Maquiavel cria então uma longa lista de suas qualidades, de seus valores e atributos – um panegírico, dado que composto de elogios a figura de Castruccio:

*Fù adunque Castruccio per quanto si è dimostrò uno huomo non solamente raro nè tempi suoi, ma in molti di quelli che innanzi erano passati. Fù di persona più che l'ordinario, di alteza, e ogni membro era al'altro respondente, e era di tanta gratia nello aspetto, et com tanta humanità raccoglieva li huomini che non mai li parò alcuno che si partisse da quello mal'' contento. I capelli suoi pendevano in rosso, e portavali tondui sopra li orecchi, e sempre, e dogni tempo com il capo scoperto era grato ali amici, ali inimici terribile, giusto com i sudditi, infedele com li esterni, ne mais potette vincere per fraude che cercasse di vincere per forza, perche diceva che la vittoria non il modo della vittoria si arrecava gloria*

---

<sup>85</sup> *Idem*. Pg 53. ““E ficarás a dever-me duas obrigações: por te deixar este reino e por te haver ensinado a guardá-lo”. Depois de ter assim falado, Castruccio mandou chamar os cidadãos que seguiam suas ordens em Luca, Pisa e Pistóia, recomendando-lhes Pagolo Guinigi. Fez com que todos jurassem obediência e morreu, deixando uma feliz lembrança em todos que o haviam conhecido; e entre amigos deixou mais saudades do que qualquer outro príncipe jamais. Foi sepultado com grandes honrarias, em São Francisco, na cidade de Luca”.

*Niuno fù mais più audace ad entrare ne pericoli, ne più cauto ad uscirne; e usava di dire che li huomini debono tentare ogni cosa nè di alcuna sbigottirsi, e che Dio e amatore delli huomini forti, perche si vede che sempre gastica li impotenti com i potenti [...].<sup>86</sup>. [La Vita, pg 45]*

Dessa evidente elegia a Castruccio, observamos diversas das características as quais para Maquiavel compõe um grande homem, capaz de feitos grandíssimos independente de sua origem ou linhagem. A audácia de Castruccio se faz presente em sua declaração, que de acordo com a narrativa de sua biografia, não é incoerente com suas perspectivas – da conquista e da vitória através da perfídia e da enganação – todo o episódio da tomada de Pistóia é seu exemplo. No entanto, Maquiavel também transforma Castruccio em um perfeito cortesão, gracioso, belo de forma e corpo – sua primeira descrição física na obra além dos exercícios de juventude, forte, corajoso, leal e terrível. O príncipe perfeito encarnado assim em um exemplo manufaturado através da História.

Então o autor explora sua sagacidade através de numerosos exemplos de sabedoria – citações diversas que Maquiavel atribui ao personagem, construindo assim um personagem tão astuto quanto reflexivo. Diversos dos companheiros de Maquiavel do grupo dos Orti Oricellari teriam notado e mesmo congratulado o autor pelas atribuições copiadas de outros autores clássicos – Plutarco principalmente, como sugerido por Peter Bondanella. Bondanella também observa que a criação sobre a ‘realidade histórica<sup>87</sup>’, as interpolações de sua própria pena, alterando e distorcendo os fatos históricos em prol da criação de um príncipe arquetípico, seriam exatamente o que seu público esperava em sua leitura.

---

<sup>86</sup> *Idem*. Pg 53. “Como se viu, Castruccio foi um homem extraordinário, não só na sua época mas também comparado com os que o haviam precedido. No físico, tinha o corpo harmonioso e boa altura; era de aparência tão agradável e tratava a todos com tal humanidade que nunca aconteceu alguém procura-lo e despedir-se insatisfeito. Seus cabelos tendiam para o ruivo; usava-os cortados na altura das orelhas, andava sempre descoberto, sob chuva ou neve. Tratava os amigos com gratidão e era terrível para com os inimigos; justo com relação aos súditos mas não dava confiança aos estrangeiros. Se podia vencer pelo engano não tentava vencer pela força, dizendo que a glória provém da vitória, não do modo como é obtida. Ninguém enfrentava perigos com maior audácia, nem os resolvia com maior prudência. Costumava dizer que é preciso tentar tudo, não se abater com nada – que Deus prefere os homens fortes, porque faz sempre com que os poderosos punam os impotentes”.

<sup>87</sup> BONDANELLA, Peter E. *Castruccio Castracani: Machiavelli's Archetypal Prince*. Italica, Vol. 49, No. 3, 1972. Pg 312. “Contrary to Whitfield’s thesis, Machiavelli did not make ‘mistakes’ in this biography; he consciously reshaped historical facts, as he announced in the beginning lines of his work, in order to present the portrait of the perfect hero, the archetypal leader. Furthermore, this is precisely what his audience expected, since such creative distortion of historical fact for pleasing and instructional effects was viewed as the proper task of the historian or biographer. Zanobi Buondelmonti – one of the men to whom Machiavelli dedicated his work – wrote to Machiavelli and commented on the manuscript. Even though he immediately recognized many of the sayings Machiavelli attributed to Castruccio as borrowings of classical literature, he felt that the work was an excellent piece of historical writing. He criticized Machiavelli not for falsifying history with these quotations but for not doing a better job of it, since he believed that many of the quotations lacked “quella vivacità... quella grandezza che si richiederebbe a un tanto huomo.””

Após extensiva lista de ditados, contando trinta e quatro máximas e expressões de sagacidade de Castruccio, Maquiavel encerra sua obra ao fazer um último sumário sobre o personagem, ao qual atribui mais alguns paralelos curiosos:

*Visse ,XLIII. Anni, e fù in ogni fortuna príncipe, e come della sua buona fortuna ne appariscono assai memorie così volle che ancora della cattivá apparissino, perche le manettet com le quali stette in catenato in prigione si veggono ancora hoggi fitte nella torre della sua habitatione, dove da lui furno messe accio che facessino sempre fede della sua adversità, e perche vivendo ei non fù inferiore nè à Philippo di Macedonia Padre di Alessandro, ne à Scipione di Roma, è morì nella età del'uno, e de l'altro, e senza dubbio harebbe superato l'uno e l'altro se in cambio di Lucca egli havessi havuto per sua Patria Macedonia ò Roma.<sup>88</sup>. [La Vita, pg 47]*

O recurso ao paralelo com figuras históricas mais conhecidas, de um passado clássico ricamente recordado e recontando por historiados da Antiguidade, Medievo, e mesmo do Renascimento no qual se insere o autor é um método de demonstrar o quão modelar fora a figura de Castruccio Castracane degli Antelminelli. E ainda mais – Maquiavel sugere que seu renome e suas atitudes seriam de tanta excelência que ultrapassaria, em seus grandes feitos, tanto a Filipe da Macedônia ou a Cipião (possivelmente O Africano, dado que o autor era conhecedor de obras clássicas mais populares entre os humanistas, e a única referência ao personagem presente na fonte seria ‘de Roma’).

## Conclusões

Através da análise percebo que, entre a redação de O Príncipe, *Discorsi sopra l'Arte della Guerra*, e *La Vita di Castruccio Castracani*, algumas das perspectivas de Maquiavel se transformam – no mínimo, no referente à sua apresentação perante seus leitores. Enquanto O Príncipe, fruto da *Ars Dictaminis* assim como do gênero dos Espelhos de Príncipes, por sua linguagem incisiva assim como por suas declarações pragmáticas e dissociadas da moralidade cristã ‘tradicional’ (em contraponto com a herética ou mesmo a reformista) teria sido uma obra deixada de lado no mínimo através do momento de sua escrita e apresentação (não é

---

<sup>88</sup> MAQUIAVEL. Nicolau. *Op. Cit.*. Pg 57. “Viveu Castruccio quarenta e quatro anos. Foi príncipe magnânimo em todas as circunstâncias que lhe impôs a sorte. Como restam muitas lembranças dos seus momentos de boa sorte, é natural que haja também memórias de momentos de má sorte. Assim, na torre da sua residência encontraremos ainda hoje as grilhetas com que foi certa vez preso; ele as mandou colocar ali, para que testemunhassem a história da sua adversidade. Sua vida não foi inferior à de Filipe da Macedônia, pai de Alexandre Magno, ou a de Cipião de Roma. Morreu com a idade de ambos, cuja glória teria sem dúvida superado se tivesse nascido não em Luca, mas na Macedônia ou em Roma.”

através dessa obra que os Medici receberam Maquiavel como escritor e funcionário); observamos que a linguagem explorada pelo autor através de *La Vita* constrói-se de maneira mais sutil, convincente – além de não conter a mesma carga combativa, acusatória, contra os quais governam e seus métodos diversos – como teria notado Rousseau, Locke, e outros autores séculos mais tarde.

Em ambas as obras, seus argumentos de atividade são legitimados por fatos históricos – mas enquanto Maquiavel, em *O Príncipe*, se apoia em diversos exemplos resgatados da História Antiga assim com recente como exemplos de atividade direta, *La Vita* observa a construção de uma figura a qual encarnaria em um passado distante todas as qualidades, ações, disposições e mesmo mentalidades que o autor já apresentara anteriormente em *O Príncipe* – a sabedoria, a prudência, a *virtù* composta de diversas outras qualidades como astúcia e vigor guerreiro, assim como a dissimulação, o uso do terror – todos recursos de governo e de exercício de poder nas mãos de um senhor.

Ainda assim, Maquiavel não faz referências diretas à seu trabalho anterior, mesmo que nas atitudes de Castruccio – em especial aquelas criadas pelo autor e inseridas na biografia – demonstram um arquétipo histórico das atitudes que Maquiavel uma vez sugerira ao governante através de sua obra anterior. Maquiavel, de um magistrado, um político, tornara-se um conselheiro, e assim, um cortesão. Compreendera talvez que seu posicionamento acusatório não apenas trabalhava contra si ao indispor aqueles dos quais dependeria financeiramente, mas também politicamente.

Maquiavel também nos apresenta alguns contra-modelos, e algumas situações-chave, as quais Castruccio apenas pode superar através do uso de métodos clandestinos para o cumprimento de suas ambições. Dentre os contra-modelos, temos o honesto Stefano di Poggio – vítima de sua boa vontade para com seu príncipe dado seu envolvimento à família que conspirava contra ele; assim como Ugucione della Faggiuola – um *condottiere* experiente e já assenhorado de uma cidade, que no entanto sofre um grande revés nas mãos da fortuna – quando doente em Montecatini e quando furioso, em sua viagem de Pisa a Lucca - e de seu pupilo após agir consumido pela inveja contra Castruccio. Das situações chave – a liderança militar de Castruccio é aquela que se apresenta de maneira mais corrente através de toda obra: Seu triunfo sobre os florentinos em Montecatini, em Altopascio, assim como em Fucecchio são descritos em detalhes pelo autor, que encontra na maneira dos combates sugestões e alertas tão importantes quanto aqueles presentes nas atitudes de Castruccio em tempos de paz: afinal, a maneira mais rápida da aquisição ou da perda de um estado é a conquista militar. Também existem situações que tecem os elogios aos métodos mais furtivos de um príncipe –



como da tomada de Pistóia – através da Traição, assim como da repressão às sublevações dos Poggio em Lucca e dos complôs contra si em Pisa. Seu argumento apresenta-se sólido e coerente a partir da percepção de que seu Castruccio é em si uma encarnação de um príncipe perfeito, um exemplo histórico – por si próprio legítimo.

A obra se insere dentro do gênero de uma história, em sua concepção renascentista – seus objetivos são conhecidos através de sua correspondência para com outros humanistas que juntamente compunham aquele braço da Academia Neoplatônica dos Orti Oricellai – e compreendemos assim que as manipulações que Maquiavel comete sobre os fatos históricos narrados anteriormente sobre Castruccio em outras fontes são parte do ofício do historiador de seu período – esperado assim pelos seus leitores, e mesmo celebrado pelos mesmos. Diferentemente de uma crônica, dado que a obra de Maquiavel não se propõe a ser uma memória de tempos passados que o mesmo registrara, ou de uma Canção de Gesta – ainda que o personagem principal seja celebrado pela narrativa traçada. De fato, notamos diversas influências dos estilos discursivos medievais em sua escrita, e da leitura de autores clássicos interpenetrados em seu relato – principalmente quanto à descrição dos métodos de combates, os mesmos apresentados quando possível e pertinente. A História tem em si não apenas um manto de legitimidade sobre as atitudes tomadas e eventos narrados, mas também um valor intrinsecamente didático: para os humanistas como Maquiavel, a História ainda era assim Mestra da Vida.

### **Fonte Principal:**

MACHIAVELLI, Niccolò. *Il Principe... La vita di Castruccio Castracani da Lucca... Il modo che tenne il duca Valentino per ammazar Vitellozzo, Oliverotto da Fermo, il S. Paolo et il duca di Gravina Orsini in Senigaglia*. Antonio Blado d'Asola. Roma, 1532. Disponível em: <https://archive.org/details/4R581INV679>, Acessado em 20/07/2014.

### **Fontes Auxiliares:**

MAQUIAVEL, Nicolau. *História de Florença*. Original *Istorie Fiorentina, de Niccolò Machiavelli in Opere di Niccolò Machiavelli, Volume Secondo*. Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1971, Torino. Tradução de Nelson Canabarro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Arte da Guerra*. Tradução de Eugênio Vinci de Moraes. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Príncipe*. Tradução de Antonio D'Elia. São Paulo. Círculo do Livro S.A. Sem data.

\_\_\_\_\_. *A Arte da Guerra e Outros Ensaios*. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

### **Bibliografia:**

BAILEY, Matthew. *The Early Effects of Gunpowder on Fortress Design: A Lasting Impact*. s/data.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. Editora Perspectiva. São Paulo, 2009.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BLOMQUIST, Thomas W. *The Castracani Family of Thirteenth-Century Lucca*. *Speculum*, Vol. 46, No. 3.1971.

BONDANELLA, Peter E. *Castruccio Castracani: Machiavelli's Archetypal Prince*. *Italica*, Vol. 49, No. 3, 1972.

BURKE, Peter. *The Italian Renaissance: Culture and Society in Italy*. Princeton – Princeton University Press, 1987.

BULLARD, Melissa Meriam. *Storying Death in the Renaissance: The Recapture of Roberto di Sanseverino (1418-1487)* *MLN*, Vol. 119, No. 1, Italian Issue Supplement: *Studia Humanitatis: Essays in Honor of Salvatore Camporeale*. 2004.

BURKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Italia*. Tradução Sergio Tellaroli. Companhia de Bolso, 2009.

BRAUDEL, Fernand. *O modelo italiano*. Tradução Franklin de Mattos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *O espaço e a história do Mediterrâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

CAFERRO, William. *Italy and the Companies of Adventure in the Fourteenth Century*. *The Historian*. Vol. 58, issue 4, 1996.

\_\_\_\_\_. *John Hawkwood: An English Mercenary in Fourteenth-Century Italy*. JHU Press, 2006.

- CAPRESE, Filomena. *Leonardo's Literary Writings: History, Genre, Philosophy*. University of Toronto, 2011.
- CASSIDY, Ben. *Machiavelli and the Ideology of the Offensive: Gunpowder Weapons in "The Art of War"* The Journal of Military History, Vol. 67, No. 2. 2003.
- CHITOLINNI, Giorgio. *Le città italiane del Centro e del Nord, un'identità terrotoriale e 'statale' (secoli XV-XVI)* . In.: Identitats, Flocel Sabaté, Ed. Pagès Editors, Lleida, 2012.
- COHM JR; Samuel Kline & RICCIARDELLI, Fabrizio - Editors. *The Culture of Violence in Renaissance Italy: Proceedings of the International Conference*. Georgetown University at Villa Le Balze, 3-4 May. Le Lettere, 2010.
- DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Volume 1. Editorial Estampa, 1994.
- DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Guilherme Marechal, ou o Melhor Cavaleiro do Mundo*.(Tradução de Renato Janine Ribeiro), Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O Domingo de Bouvines*. Paz e Terra Editora. 1993.
- FERGUSON, Wallace K; *The Interpretaion of Italian Humanism: The Contribution of Hans Baron*. Journal of the History of Ideas, Vol. 19, No. 1, 1958.
- FERNANDES, Cássio da Silva. *Jacob Burkhardt e a Preparação para a Cultura do Renascimento na Itália*. Revista de História e Estudos Culturais, vol. 3, 2006.
- FERNANDES, Fátima Regina. *O Conceito de Império no Pensamento Político Tardo-Meieval*. In: LIMA, Luís Filipe Silvério; SILVA, Luiz Geraldo (Orgs.). *Facetas do Império na História: Conceitos e Métodos*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- \_\_\_\_\_; FRIGHETTO, Renan. *Cultura e Poder na Península Ibérica*. Curitiba: Juruá, 2001.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Identidade e Fronteiras no Medieval Ibérico*. Curitiba: Juruá, 2013.
- \_\_\_\_\_. Poder e sociedade na Península Ibérica Medieval. In *Humanas*, n. 10, Curitiba, Editora UFPR, 2001, pp. 123-133.
- \_\_\_\_\_. *Sociedade e Poder na Baixa Idade Média Portuguesa: dos Azevedo aos Vilhena: as famílias da nobreza medieval portuguesa*. Curitiba: Editora da UFPR, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A metodologia prosopográfica aplicada às fontes medievais: reflexões estruturais*. Revista História da Historiografia. Ouro Preto. Número 8. 2012
- \_\_\_\_\_. *Los Genoveses en la Armada Portuguesa: Los Pessanha*. In.: Edad Media – Revista de História, Universidad de Valladolid. Vol. 4, 2001.

- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média: nascimento do Ocidente*. 2ª ed. ver. E ampl. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FURBINI, Riccardo. *The Italian League and the Policy of the Balance of Power at the Accession of Lorenzo de' Medici*. *The Journal of Modern History*, Vol. 67, Supplement: The Origins of the State in Italy, 1300-1600, 1995.
- GARIN, Eugenio. *O Homem Renascentista*. Editorial Presença, Lisboa; 1991.
- GAT, Azar. *Machiavelli and the Decline of the Classical Notion of the Lessons of History in the Study of War*. *Military Affairs*, Vol. 52, No. 4, 1988.
- GILLY, Patrick. *Cidades e Sociedades Urbanas na Itália Medieval – Séculos XI-XIV*. Campinas – SP, Editora UNICAMP. Belo Horizonte – MG, Editora UFMG. 2011.
- GREEN, Louis. *Galvano Fiamma, Azzone Visconti and the Revival of the Classical Theory of Magnificence*. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, Vol. 53, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Lucca under Castruccio Castracani: The Social and Economic Foundations of a Fourteenth-Century Italian Tyranny*. *I Tatti Studies in the Italian Renaissance*, Vol. 1. 1985.
- GUGLIELMOTTI, Paola; LAZZARINI, Isabella & VARANINI, Gian Maria. *Europa e Italia. Studi in onore di Giorgio Chittolini / Europe and Italy. Studies in honour of Giorgio Chittolini*. – Firenze : Firenze university press, 2011.
- GUIMARÃES, Marcella Lopes. *Capítulos de História: o trabalho com fontes*. Curitiba: Aymará Educação, 2012.
- HAHN, Fábio André. *Reflexos da Perfeição: Alguns Elementos do gênero espelhos de príncipes na Idade Moderna*. *Revista Varia Scientia* v. 06, n. 12, p. 151-157. 2006.
- HESPANHA, António Manuel, *História das Instituições; épocas medieval e moderna*, Coimbra: Livraria Almedina, 1982.
- HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisseia, s/d.
- IANZITI, Gary. *A Humanist Historian and His Documents: Giovanni Simonetta, Secretary to the Sforzas*. *Renaissance Quarterly*, Vol. 34, No. 4, 1981.
- ILARDI, Vincent. *The Italian League, Francesco Sforza, and Charles VII (1454-1461)*. *Studies in the Renaissance*, Vol. 6, 1959.
- KANTOROWICZ, Ernest H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KONSTAN, Angus. *Lepanto 1571 The Greatest Naval Battle of the Renaissance*. Oxford : *Campaign series*. Osprey Publishing, 2003.

- LARIVAILLE, Paul. *A Itália no tempo de Maquiavel: Roma e Florença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1984, vol. II.  
\_\_\_\_\_. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.  
\_\_\_\_\_. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989.
- MALLET, Michael. *Mercenaries and their Masters: Warfare in Renaissance Italy*. London – 1974.
- MASTERS, Roger. *Maquiavel e Da Vinci, Um Sonho Renascentista*. Jorge Zahar Editora. 1999.
- MACFARLAND, Joseph C. *Machiavelli's Imagination of Excellent Men: An Appraisal of the Lives of Cosimo de' Medici and Castruccio Castracani*. The American Political Science Review, Vol. 93, No. 1. 1999.
- MIETHKE, Jürgen, *Las ideas políticas de la Edad Media*. Buenos Aires: Ed. Biblos. 1993.
- MURPHY, David. *Condottiere 1300-1500, Infamous Medieval Mercenaries*. Oxford: Warrior; 115. Osprey Publishing, 2007.
- NICOLLE, David. (1983) *Italian Medieval Armies 1300-1500*. Oxford : *Men-At-Arms Series*; 136. Osprey Publishing, 1995.  
\_\_\_\_\_. *Fornovo 1495 – France's Bloody Fighting Retreat*. Oxford. *Campaign series - 43*. Osprey Publishing, 1996  
\_\_\_\_\_. *Italian Militiaman 1260-1392*. Oxford. Osprey Publishing, 1999.
- PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média: Textos e Testemunhas*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PHILLIPS, Mark. *Machiavelli, Guicciardini, and the Tradition of Vernacular Historiography in Florence*. The American Historical Review, Vol. 84, No. 1, 1979.
- RAY, Meredith K. *Textual Collaboration and Spiritual Partnership in Sixteenth-Century Italy: The Case of Ortensio Lando and Lucrezia Gonzaga*. Renaissance Quarterly, Vol. 62, No. 3 – 2009.
- REIS, José Carlos. *História, a ciência dos homens no tempo*. Londrina: EDUEL, 2009.
- RICOTTI, Ercole. *Storie delle Compagnie di Venture in Italia..* Giuseppe Pomba e C. Editori. Torino, 1847.
- ROGERS, J Clifford. *The Military Revolutions of the Hundred Years' War*. The Journal of Military History: vol.57. 1993. Disponível em: <http://deremilitari.org/2014/06/the-military-revolutions-of-the-hundred-years-war/> , Acessado em 21/07/2014.

- ROMANO, Ruggiero & TENENTI, Antonio. *Los Fundamentos del Mundo Moderno. Edad Media tardía, Renacimiento, Reforma*. Siglo XXI de España Editores, 1980.
- SICHEL, Edith. *O Renascimento*. Jorge Zahar Editora. 1972.
- SHAW, Christine. *Principles and Practice in the Civic Government of Fifteenth-Century Genoa*. Renaissance Quarterly, Vol. 58, No. 1 – 2005.
- SHOWALTER, Dennis E. *Castle, Skill and Training: The Evolution of Cohesion in European Armies from the Middle Ages to the Sixteenth Century*. The Journal of Military History: vol. 57. 1993. Disponível em: <http://deremilitari.org/2014/07/caste-skill-and-training-the-evolution-of-cohesion-in-european-armies-from-the-middle-ages-to-the-sixteenth-century/>, Acessado em 21/07/2014.
- SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*, Tradução de Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. Companhia das Letras, 1996.
- SULLIVAN, Vickie B & SCOTT, John T. *Patricide and the Plot of the Prince: Cesare Borgia and Machiavelli's Italy*. The American Political Science Review, Vol. 88, No. 4. 1994.
- TEMPLE-LEADER, John & MARCOTTI, Giuseppe. *Sir John Hawkwood: Story of a Condottiere*. T. Fisher Unwin, London. 1889. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20110605003735/http://www.deremilitari.org/resources/articles/hawkwood.htm> , Acessado em 21/07/2014.
- TENENTI, Alberto. *Florença na época dos Médici: Da cidade ao Estado*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ULLMANN, Walter. *Escritos sobre teoria política medieval*. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires (EUDEBA), 2003.
- VENTRONE, Paola. *La costruzione dell'identità cittadina in Italia tra XIII e XV secolo: feste, rituali, simboli*. In.: Identitats, Flocel Sabaté, Ed. Pagès Editors, Lleida, 2012.
- WESTPHALEN, Cecília Maria. *Carlos-Quinto Seu Império Universal 1500-1558*. Center Design, 2000.
- WITOSZEK, Nina. *Rivers and Humans – The Civilizing Project of Leonardo Da Vinci and Niccolo Machiavelli*. Oslo, 2009.
- WITT, Ronald G. *Florentine Politics and the Ruling Class 1382-1407*. The Journal of Medieval and Renaissance Studies. Durham, North Carolina – Vol. 6 1976.
- WOODS-MARSDEN, Joanna. *Images of Castles in the Renaissance: Symbols of "Signoria"/Symbols of Tyranny*. Art Journal, Vol. 48, No. 2, Images of Rule: Issues of Interpretation. 1989

WOLFF, Philippe. *Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?* São Paulo: Martins Fontes, 1988.

### Anexos:

Mapa Político da Península Itálica, Final do Século XV. Disponível em <http://mappery.com/map-of/Italy-Historic-Political-Map-15th-Century-and-1859-1924> [Acessado 14 de abril 2012]

